



Eu amo este Sarau!

Da favela para o mundo.



Da Favela Para o Mundo



Organização: Valéria Barbosa.

Diagramação: Jeovânia P. e Valéria Barbosa.

Revisão: Ana Rosenrot e Eliane Debus.

Arte da Capa: Roberta Nunes.

Realização:



Apoio:





Na luta diária pela vida estamos!

Num luto contínuo por tantas partidas

Desaguamos num rio inundando olhares com o nosso amor.

Na esperança de novos segundos por conta da vida, ansiando o seu abraço.

As que se foram por dividirem com os nossos dias as suas alegrias e amores,
nossa eterna gratidão.

E neste fluxo de gratidão por tantas vidas que se juntam em nosso Sarau com
sua arte para levarem amor, empatia e conforto em todos os lugares do planeta
e que seguimos com fé.

Vacinem-se de amor e de saúde.

Viva a vida!

NOTA AO LEITOR

A arte vem salvando vidas ao longo da história. Isso é indiscutível.

Incentivar manifestações artísticas é um ato humanitário que muda o mundo para melhor.

Nesse momento sem precedentes para a nossa geração, onde o cotidiano como o conhecíamos se redefiniu e tantos entes queridos estão partindo, vitimados pelo Covid-19, somente a arte e seu poder transformador é capaz de trazer alento aos nossos corações, nos encorajando, consolando e incentivando a resistir e a superar os obstáculos que virão.

Essa é a missão do Sarau na Favela: unir arte, poesia, música, dança e o mais importante: pessoas.

Fui apresentada ao sarau pelo Mestre Tinga das Gerais, grande amigo e amante das artes. Ele me enviou um link do YouTube com a edição do sarau e me convidou para participar, ressaltando a seriedade do projeto e de sua criadora: a Valéria Barbosa.

Foi paixão à primeira vista: me encantei com a variedade de estilos e com o amor que transbordava de cada artista envolvido. Resolvi participar também e além da felicidade de estar ao lado de tantas pessoas maravilhosas, encontrei na Valéria uma amiga e parceira.

Como editora da Revista LiteraLivre, que também se propõe a realizar um trabalho de inclusão artística, participar e divulgar o Sarau na Favela tem sido uma experiência única de beleza e engrandecimento, em forma de inesquecíveis vídeos semanais postados no YouTube, com arte raiz para todos os gostos.

Agora, após um ano de sucesso, o Sarau na Favela nos presenteia com um belíssimo ebook comemorativo: são 119 poemas, escritos por 52 autores(as).

Uma verdadeira declaração de amor à poesia!

Convido os amigos leitores(as) a baixarem e lerem com carinho este ebook que traz, em sua essência, a mais pura inspiração e representatividade poética. Espero também, que acompanhem e participem do sarau no YouTube.

Que a poesia possa nos unir em seu cálido abraço, encurtando distâncias e fortalecendo nossas almas!

Boa leitura!!

Ana Rosenrot

APRESENTAÇÃO

Por Valéria Barbosa

No início do ano de 2020, um sentimento passou a fazer parte do dia a dia, o medo do desconhecido. Tive que me afastar dos ensaios do coral onde cantava por conta da ameaça de um vírus, Covid 19.

Ninguém sabia direito como agir, apenas que precisaríamos lavar mais as mãos, usar máscaras e álcool gel.

Parecia-me estar vivendo num filme de terror. A saudade das amigas de canto me fez pensar num vídeo cantando o Samba do Avião de Tom Jobim pra nos aproximarmos e diminuir a saudade, porém a confecção do vídeo demorou mais de dois meses por diversos motivos: falta de equipamento, internet, manuseio... Neste período, o que fazer para administrar este medo? Esta solidão?

Mulher ativa, de roda de poesias na rua, de Centro Culturais, cursos, de ver e estar com gente, estava presa no seu canto 2x2, daí pensei nos poetas das favelas, por onde andei e os convidei para fazer um Sarau em vídeo. A adesão não foi a que eu esperava, porém me surpreendeu a força da internet e começaram a chegar vídeos de diversas partes do Brasil e do mundo. Passei a conhecer artistas, poetas, artesãos, atores, tantas formas de expressão que o Sarau foi crescendo, se ampliando, formando parcerias, desenvolvendo, aprendendo a lidar com a força da arte.

É, o filme de terror continua. Perdi, perdemos amigos, conhecidos, familiares, pessoas. Vivenciamos uma Política negligente com a vida, pouco caso com a ciência, uma ignorância plantada no poder. Eu sempre soube que ela estava lá, pronta para invadir as favelas, mas agora ela estava negligenciando o país, porém, nos cabe como simples mortais, reconhecer o valor de quem se preparou para cuidar de nós e salvar vidas da equipe de saúde aos cientistas, e aqueles que nos dá infraestrutura básica para sobreviver, assim como o motorista, o feirante. Dedico este pequeno espaço para Todos que se preocuparam com o outro, aos que utilizando suas máscaras, se mantendo em casa por conta das pessoas mais fragilizadas pouparam uma maior disseminação do vírus, aqueles que saíram para levar cestas básicas e apoio e/ou fizeram como nós, abriram suas emoções para fazer declarações de amor para os olhos e ouvidos que acolheram a nossa arte.

Para todos os 250 participantes do nosso Sarau que enviaram os mais de 700 vídeos, ao povo defensor da vida citado ou não nestas linhas a nossa gratidão.

O nosso Sarau segue para o seu primeiro aniversário, 4/04/2021, data do primeiro vídeo postado, foram 62ª. Edições; 4 Edições especiais com temas específicos, 18 vídeos no projeto Memórias culturais e Repasse de saber, todos postados no nosso canal no Youtube. Vá lá e comprove!

Participamos de várias Lives, de um Festival Ilumina Zona Oeste, fomos matéria do Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá, indicados para o prêmio 7ª Edição - Troféu Arte em Movimento 2021" que iremos receber no mês de novembro 2021, fomos convidados pelas Quebradas Potiguar que é uma união das Universidades das Quebradas da UFRJ com a UFRN para fazer um trabalho de Conclusão do Curso falando do Sarau, ganhamos duas músicas inspiradas no nosso Sarau, "Mulher de Odoyá " dos compositores Nilo Motta e Carlos Poeta e a outra que tive a honra de ser convidada pra compor em

parceria “Sarau na Favela na Casa de Jacira” com o Carlinhos Russo, que já fez várias músicas para o cantor Bezerra da Silva e já teve música gravada por Marcelo D2.

Para trazer mais beleza e luz ao nosso E-book convidei três mulheres para participarem da elaboração que são poetisas do nosso Sarau: Ana Rosenrot de São Paulo, Jeovania P. da Paraíba e Eliane Debus de Florianópolis. Unir forças é importante.

A Capa foi generosamente criada por Roberta Nunes que é carioca e mora na Alemanha.

Firmamos parcerias com World Pulse, Casa com a Música, Centro de Convivência Milton Nascimento, Sindicato Nacional dos Compositores Musicais, Revista LiteraLivre, Bom dia com Literatura Feminina, Caixa Preta, Rádio Revolução FM.

A grande mágica do nosso Sarau na Favela é a união e a beleza do conjunto, e aqui neste E-book teremos a oportunidade de aplaudir poetas iniciantes ou não. Gratidão por comporem este espaço de empatia e amor à vida.

Quero ressaltar o símbolo do futuro que trás esperança na voz e que em todos os nossos Saraus, desde os 3 anos está declarando o seu amor pelo nosso espaço e firmando a nossa ação.

“Eu amo este Sarau”! “Sarau na Favela, isto mesmo”! Luara Barroso Abílio

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|----|
| Nota ao leitor | 06 |
| Apresentação | 07 |
| Ana Rosenrot | 16 |
| Moça direita | 17 |
| Procura | 18 |
| Silêncio | 19 |
| Anahyde dos Santos Muniz | 20 |
| Raiz | 21 |
| Dignidade | 22 |
| Eu sou gente | 23 |
| Anderson Batista | 24 |
| Caboclo | 25 |
| Eu sou | 26 |
| <i>Odojá</i> | 27 |
| Ângela Maria Puppim | 28 |
| Mulher | 29 |
| Recomeçar | 30 |
| Armazém dos sentidos | 31 |
| Ayala Rossana | 32 |
| Rabiscos | 33 |
| Biah Carfig | 34 |
| A lua sabe-me | 35 |
| Bruno Black | 36 |
| Começa o tiroteio | 37 |
| Beijo roubado | 39 |

| | |
|--|----|
| Beba-me! | 40 |
| Carlinhos Russo | 41 |
| Sarau na favela na casa de Jacira | 42 |
| Carlos Poeta | 43 |
| Vibram tambores | 44 |
| Rio | 46 |
| Mestre Carlos Azevedo | 48 |
| “A marreta da morte é tão pesada que a pedreira da vida não aguenta” | 49 |
| Carmem Aparecida | 51 |
| Indecência | 52 |
| Ardência | 53 |
| Célia Melo – Bombom | 54 |
| Bombom de rapadura | 55 |
| Eva | 56 |
| Sangue | 57 |
| Cilene Regina Vieira | 58 |
| O que vejo nas fotos? | 59 |
| Clécia Oliveira | 60 |
| Indesejado | 61 |
| Jogadas ao vento | 62 |
| Cleidirene Rosa | 63 |
| Afrodite | 64 |
| Cristais da música | 65 |
| Adorável doença | 67 |
| Edna Coimbra | 68 |
| As mulheres da minha casa | 69 |
| Bendito anjo | 70 |
| Interferências | 71 |
| Eliane Debus | 72 |

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Restos da noite | 73 |
| Bilhete ao amado | 74 |
| Fuga | 75 |
| Fernanda Luíza | 76 |
| Cronos – Tempo saudades | 77 |
| Doce encanto | 78 |
| Humanidade (Meu nome) | 79 |
| Graziela Barduco | 80 |
| Noite | 81 |
| Transição | 82 |
| Haroldo César | 83 |
| O dinheiro | 84 |
| Samba e poesia | 86 |
| Helena Monteiro | 87 |
| Braceletes | 88 |
| Reverência | 90 |
| Isabelle Hypólito Campelo | 92 |
| Abrir a porta | 93 |
| Anjos de plantão | 94 |
| Olhos de graças | 95 |
| Isadora Almeida Barroso | 96 |
| Reflexões sobre o Enem 2020 | 97 |
| Jackson Nascimento dos Santos | 98 |
| Pensei que eu fosse um poeta | 99 |
| Apenas um minuto | 101 |
| Jeovânia P. | 102 |
| Folha de papel | 103 |
| Josefa Rodrigues | 104 |
| Busca e luz | 105 |

| | |
|--|-----|
| Homenagem a <i>Iemanjá</i> | 106 |
| Rio de Janeiro | 107 |
| Leandra Nel | 108 |
| Abrigo | 109 |
| Lídia Quadros | 110 |
| Minha mãe | 111 |
| Lindacy Fidelis Da Silva Menezes | 112 |
| A flor da paz | 113 |
| Os pensamentos | 114 |
| Deus | 115 |
| Ludi Um | 116 |
| SeteDois | 117 |
| Meu coração é um tambor | 118 |
| Metrô de mangeira | 120 |
| Mano Zeu | 122 |
| Fala Favela | 123 |
| Abraço de vó | 125 |
| Sem Título | 126 |
| Marco Cirilo | 127 |
| Disse-me-disse | 128 |
| Seu Angélico | 129 |
| Sem mim e outros eus – a ida e a volta | 131 |
| Maria Alice Gomes Pinto | 133 |
| As coisas necessárias e a necessidade das coisas | 134 |
| Maria fica quieta | 136 |
| Nós, não falamos português? | 137 |
| Mateus Brito | 138 |
| Dona Lili | 139 |

| | |
|----------------------------------|-----|
| Mery Onírca | 140 |
| A vida pós-pandemia | 141 |
| Salada de grandes | 142 |
| Saudade | 144 |
| Miguel Jacó | 145 |
| As Glórias são passageiras | 146 |
| Millena Mantovani Barbosa | 147 |
| Quarentena | 148 |
| Nélio Fernando | 149 |
| Águas de Jacarepaguá | 150 |
| Nilza Costa | 151 |
| Babilônia | 152 |
| Foi bom | 153 |
| Raiz | 154 |
| Noélia Ribeiro | 155 |
| Elas | 156 |
| Crime passionai | 157 |
| Sobre o tempo | 158 |
| Rita Queiroz | 159 |
| Gestação | 160 |
| Rosalina Brito | 161 |
| Exílio | 162 |
| O outro lado da pedra | 163 |
| O tempo | 164 |
| Rozzi Brasil | 165 |
| A terra | 166 |
| Língua solta | 167 |
| Para lembrar de esquecer | 170 |
| Sandra Lima | 171 |

| | |
|--|-----|
| Morte da ilusão | 172 |
| A vida é um abismo | 173 |
| O último poema | 174 |
| Severino Honorato | 175 |
| Pensando agora | 176 |
| O pudim de aniversário | 177 |
| Sendo luz pra multidão | 179 |
| Sirlene Rosa | 180 |
| Vida | 181 |
| O amor | 182 |
| Não volto | 183 |
| Tetsuo Takita | 184 |
| Pós-pandemia | 185 |
| Pau Mandado | 186 |
| Crônica concretista: documentário pandemia | 187 |
| Tinga das Gerais | 188 |
| Filho de <i>Odojá</i> | 189 |
| Lindo sonho com o <i>Ayó</i> | 190 |
| Pedaço de pão | 191 |
| Valéria Barbosa | 192 |
| Prontidão | 193 |
| Breu das políticas públicas | 194 |
| Escrita | 195 |
| Victor Meirelles | 196 |
| Phafelado poeta | 197 |
| Valor gramatical | 198 |
| Empréstimo | 199 |
| Viviane Potiguara | 200 |
| Sem título | 201 |

| | |
|-------------------------|-----|
| Tambor | 202 |
| Poema do amor pequeno | 203 |
| Wellington Silva | 205 |
| Palavras | 206 |
| Olhar | 207 |
| Tempo | 208 |
| | |
| Posfácio | 209 |

ANA ROSENROT



Ana Rosenrot, de Jacareí – SP, é escritora, editora e cineasta. É criadora e editora da Revista LiteraLivre, membro dos coletivos MALDOHORROR e Corvo Literário. Lançou os livros: “Cinema e Cult – Vol, 1” (2018), “Três Momentos – Contos Espíritas”, “O Primeiro Baile e Outros Contos”(2019) e “Terroros Históricos” (2020). Acadêmica na A.I.L (Academia Independente de Letras) e na A.V.L.P.L. – Academia Virtual de Língua Portuguesa e Literatura.

Moça direita

Ana Rosenrot – Jacareí -São Paulo

Moça direita,
não rebola ao caminhar,
não usa saia curta, shortinho, decote,
nem pode assobiar;
tem passo miudinho,
não entra no salão de bilhar...

Moça direita,
não fala palavrão,
se cobre toda,
pra ninguém passar a mão...
Tem que casar logo,
ou é chamada de sapatão...

Ainda sou moça direita,
mas aprendi a dizer não,
não aceito, de forma alguma,
conduta de machão,
e quem não respeita uma opção...

Sou moça, menina, mulherão,
e vou lutar contra a violência e a repressão...

Pelo direito de ser livre, protegida e aceita,
pois toda mulher é moça direita.

Procura

Ana Rosenrot – Jacaré – São Paulo

Procurei-me nos cantos da casa velha...
Na sarjeta da rua molhada...
No suor dos rostos trabalhadores...
No casal que se abraça apaixonado...
Nas vitrines das lojas enfeitadas...
No riso das crianças ruidosas...
Nas pessoas que passam apressadas...
Nos passageiros do ônibus de manhã...
No cortejo que caminha fúnebre...
Pensei ser parte do mundo redondo...
Mas era somente criatura humana...
E só pude me encontrar, enraizada...
Quando olhei bem fundo e vi que era um pouco,
de cada coisa, de cada um, de todos, de mim mesma...

Silêncio

Ana Rosenrot – Jacareí – São Paulo

Silêncio...

que retumba em cada poro,
em cada gesto, em cada olhar,
que fere e pode matar,
que diz muito sem nada falar...

Silêncio...

eterno, que faz a alma penar,
que mente sem pensar,
insano, sempre a gritar...

Silêncio...

que cala, a esperar,
perseguido, sem parar,
capturando, para aprisionar...

Silêncio...

que acompanha quem deixou de amar...
e ouve o coração chorar,
que lamenta, sem perdoar...
a oprimir, a torturar, a castigar...

Anahyde dos Santos Muniz



Anahyde dos Santos Muniz, Dona Tuca da CDD, nascida em 12/03/1933 é da Cidade de Deus, favela do Rio de Janeiro, poeta, artista plástica, compositora, atriz, cantora, bisavó e Mestra da Cultura Popular ganhou esta chancela com o Prêmio da Edição Leandro Gomes de Barros do Ministério da Cultura – Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural em 2018, com a verba recebida lançou o seu primeiro livro autoral aos 85 anos com o título “Juntando Poemas, Tuca o diamante”. Tuca tem mais um livro autoral e participação na Coletânea Poesia de Esquina

Raiz

Anahyde dos Santos Muniz – Dona Tuca da CDD – Rio de Janeiro.

Sou negra sim!

Negro é gente sim senhor!

Se o negro não existisse

O branco não seria doutor.

Bato no peito com orgulho

E digo a você: sou feliz.

Você diz que eu sou negra

Negra é a minha raiz.

Sou lenha, sou madeira,

Sou brasa, sou carvão,

Sou filha de um país negro.

Eu sou negra, eu sou nação.

Dignidade

Anahyde dos Santos Muniz – Dona Tuca da CDD – Rio de Janeiro.

Eu sou favelada!

De corpo, alma e coração.

Sei aonde vai os meus pés

E coloco as minhas mãos.

Na alta sociedade

Vejam a situação

Tem gente de o alto poder

atrás das grades

comendo arroz e feijão.

Será?

Eu sou gente

Anahyde dos Santos Muniz – Dona Tuca da CDD – Rio de Janeiro.

Eu sou filha do Quilombo

Eu sou um quilombola

Na minha alma ainda

Guardo os sofrimentos de outrora.

Bato no peito com força

Com raça e determinação.

O quilombo viverá

Dentro do meu coração.

Com o sofrimento e dor

O negro se valorizou.

É médico, professor, presidente, deputado e senador.

Anderson Batista



Anderson Batista é poeta, estudante de psicologia, adora a natureza e esportes, mora no Rio de Janeiro.

Caboclo

Anderson Batista - Rio de Janeiro.

Licença caboclo,
posso escrever uns versos?
É do meu universo, caótico,
imperfeito, na perfeita ordem.

Soa insano, ecoa em corações.
Nem sempre coeso,
mas é minha paixão.
Tem momentos que é só emoção!

Ah caboclo, se tu soubesses!
Me sinto caçador nas matas,
pescador nos mares e astronauta
flutuando no meu universo.

Eu viajo nas ideias,
nelas eu posso ser quem eu quero.

Que loucura, não é?
Mas quem é feliz sem ela?
Pelo menos sou liberto
mesmo sendo preso em matéria.
Quem sabe um dia caboclo
a gente marque um encontro
no meu universo das ideias.

Eu sou

Anderson Batista - Rio de Janeiro.

Eu sou muito mais do que eles dizem!

Eu sou eu mesmo e muito além disso.

Eu sou um eu muito mais profundo do que os seus olhos superficiais podem ver.

Eu sou uma estrela que emana brilho muito mais além do que a sua imaginação.

Eu sou vida, células, química, luz e universo.

Eu sou a fórmula de toda combinação perfeita de um microuniverso.

Não falo de egocentrismo e nem de orgulho.

Falo de amor por si mesmo.

Odoyá

Anderson Batista - Rio de Janeiro.

Te saúdo ao ver o mar
rainha mãe *Iemanjá*,
oferecendo flores brancas
e meu coração devoto.

Nas cores azul e branco;
sob seu manto
fui protegido no ano.

Tempestuosa vida,
com muito axé
sigo meus caminhos
sem perder o encanto.

Não me aquebranto
sobre olhares maus,
tu estás sempre a me proteger
e trazendo bonança.

Ao meu coração inquieto
e muitas vezes incrédulo.

Te saúdo ao ver o mar
tão linda mãe *Iemanjá*.

Angela Maria Puppim Buzanovsky



Angela Maria é mãe de três filhos. Foi economista e, agora reinventada, é contadora de causos e histórias. Também conhecida como “a palhaça Pum Pim”, é entardecidamente escrevinhadora. Seu primeiro livro *Escritas libertárias* foi publicado em 2017 pela Cândia, dentro da Coleção Biblioterapia.

Mulher

Angela Maria Puppim Buzanovsky – Niterói

És verbo

És a raiz, o começo e o eterno

Nasce, floresce e dá frutos

Suas sementes se deitarão na terra

berço de nosso existir.

Plenitude e transcendência,

Raiz forte com um quê de eternidade!

Recomeçar

Angela Maria Puppim Buzanovsky – Niterói

Cotidianamente eu recomeço.

Quando vejo uma criança negra morta por bala que não é de Cosme e Damião.

Forço-me a recomeçar.

Quando vejo a Amazônia arder em chamas pela ganância humana.

Forço-me a recomeçar o caminhar.

Quando uma mulher é morta por um homem.

Forço-me a caminhar.

Quando executam lideranças. Marielle Presente!

Forço-me a recomeçar.

Quando censuram as Artes e a Cultura

Forço-me a seguir em frente.

Quando os Donos do Mundo iniciam Guerras.

Forço o meu caminhar. Recomeço sempre.

Por saber que não ando só.

Caminho de mãos dadas com o belo.

Com a Arte, a Literatura e todas as formas de Expressão de Vida e Liberdade.

Não solto a mão de ninguém que caminha lado a lado do outro e com o outro.

Dos ninguéns.

Dos que lutam por liberdade.

Pela grandeza do convívio amoroso com a diversidade humana, sem preconceitos.

Recomeço por ter elos fortes unidos em uma corrente de Amor.

Recomeço hoje, aqui e agora por um

Mundo onde seja fácil e feliz

Recomeçar.

Venham comigo recomeçar?

Armazém dos sentidos

Angela Maria Puppim Buzanovsky - Niterói

Saudade banzo d'alma.

Ausência assimilada.

Que num instante revela-se intensa, sentida, presente.

Visão do pai, lápis atrás da orelha, a atender a clientela no antigo Armazém.

Cocada branca e preta. Avó paterna.

Barulhinho de passos vagarosos de chinelos. Avó materna.

Bife acebolado. Mãe.

Assobio. Pai.

Cheiro da terra molhada. Banhos de chuva.

Gosto de manga carlotinha.

Quintais da infância.

Perfume masculino. Um certo namorado.

Filme italiano. Primeiro beijo.

Ao som de um Bolero, dois pra lá, dois pra cá. Rosto colado.

Primeiro toque. Sedução, tesão.

Melhores trocas de olhares.

Amamentação.

Música Mercedes Sosa.

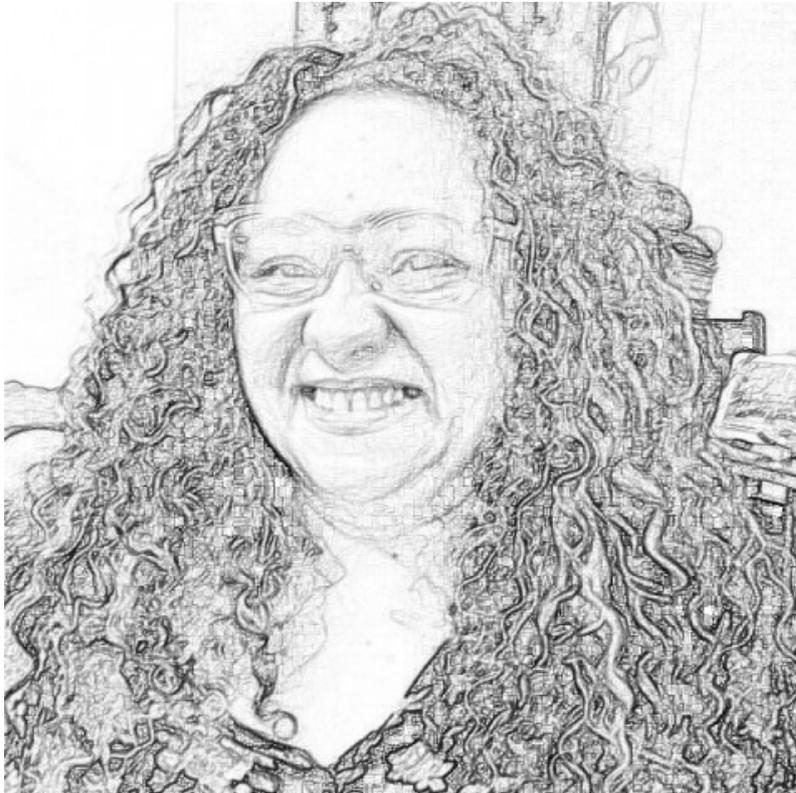
Universidade anos 70.

Cravos Vermelhos. Revolução.

Distâncias antigas.

Armazenadas no Coração.

Ayala Rossana



Atriz, produtora, agente cultural e mãe de duas meninas lindas. A artista faz faculdade de produção cultural, atuou e produziu o média metragem Soropositivo e da Web Série Meninos que não Vão para o céu, ambas do diretor Ed Lopez, Dassilva, por 6 anos produziu as oficinas dramatizadas do Projeto Sated Rio em Ação do Sated RJ (Sindicato dos Artistas e Técnicos Em Espetáculos do Estado do Rio de Janeiro), participa como coralista do Coral De Vila Isabel(Cantando AA Vila), sob a regência do Maestro Robert Salles, atuou no espetáculo infantil Os Saltimbancos de Chico Buarque de Holanda, com direção de Ayala Rossana e Rosi Irene Visitação, fez participações nas novelas Orgulho e Paixão, A Dona do Pedaço e Salve-se Quem Puder da Rede Globo.

Rabiscos

Ayala Rossana – Vila Isabel Rio de Janeiro

E, lá deitada, a menina viu a poesia.

Sim, ela viu a poesia passar bem na frente dos seus olhos.

A mente logo se posicionou e colocou-se à disposição das pupilas esbugalhadas.

"Me vem vontade de escrevinhar"

A menina se levantou, papel e caneta ela pegou. Deitou-se, só que, dessa vez, no chão gelado pra amansar o calor do corpo e deixar a mente fluir contente, com a poesia nascente e com frescor do chão frio. No piso gelado, começou a neblinar as ideias, mostrando mais palavras e ela sempre a escrever.

A menina nem sente fome, a fome é de papel.

E "escrevinhava" tudo que via, tudo que sentia escrevia nas folhas soltas, jogadas próximas ao queixo. Sem parar, sem parar... Na poesia ela argumenta, canta, dança, chora e faz chorar.

Ela não se cansa e as letras não param de aparecer.

Fluir poesia faz a vida seguir, liberta.

E salta poesia, e vai poesia, salve a poesia, salve a poetisa, salve quem salva o deserto em tempos de tanta angústia, que traz a calma pros lugares incomuns.

Das dores nasce a poesia, nasce também a alegria, em tudo nasce a fantasia, ela vem do chão, do ar, da terra, ela brota e salta no olhar. Do olhar o poema pula, encontra e faz amar.

E lá vai a menina sentindo a vida andar pela ponta do lápis no pedaço de papel. A menina que escreve deitada no chão e, ao se levantar, traz nas mãos as belas lembranças do papel que por vezes apagou, borrou... Deixa registrada a poesia, que ficará exposta no tempo, para que todo o tempo conheça o seu olhar.

Corre poesia, vai poesia, tem gente esperando. Segue, muitos precisam de você.

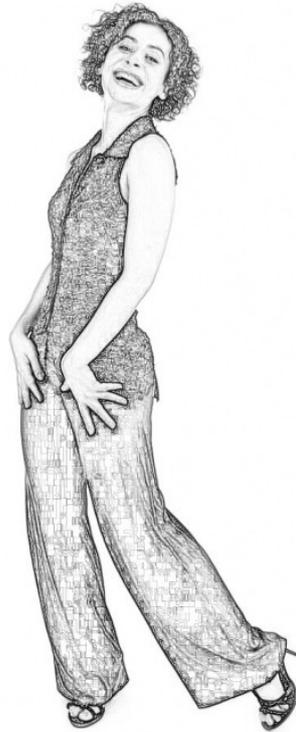
E, no papel, pinga o suor, e fica a marca do dia quente e instigante, que as letras encontraram formas. Fica, no pensamento, o olhar paralisado que viu as palavras subirem em forma de legenda na imaginação. Dentro da cabeça: músicas, sons, muitos ritmos... Fundo sonoro da menina poeta a fez levantar dançando, o papel balança junto com o corpo e as palavras prontas formam uma magia no ar. A poesia se liberta do papel e viaja pelo ar.

Ela canta, encanta, dança e fala bem alto. A poesia anda junto com os movimentos.

E, cheia de formas, lá se vai a poesia, caminhando no seu tempo pra chegar bem potente no coração de "algumas gentes".

Solte a poesia.

Biah Carfig



Atriz, cantora, produtora e escritora, formada em teatro pelo Conservatório Carlos Gomes na cidade de Campinas, cursou música e canto erudito na ULM (Universidade Livre de Música em São Paulo). Atua na área artística desde 1996 com diversos espetáculos teatrais, musicais e shows.

A lua sabe-me

Biah Carfig – São Paulo

Desde o instante em que me pus nua no escuro da rua, onde a lua me olhava profundamente, apenas ela, sorrindo e me descobrindo, sabia tudo o que eu não podia esconder. Era noite, mas nem tanto frio, apenas um ar fresco sobre a pele. Me fazia os pelos arrepiar. Cabelo comprido, atrapalhado, meio rebelde, com cachos que sobrepunham a tudo que pudesse me despir.

Sozinha, sem eira nem beira, furtando os mistérios da noite e das sombras. Tudo era quase negro, eu via muito pouco fora, mas muito dentro. Talvez coisas que nunca havia percebido tão dentro. A lua ria, mas um riso frouxo, desconfiado, como se já soubesse tudo. Eu queria me esconder dela, mas ali, estava eu completamente nua, descoberta de mim...

Ela me via.

E eu não podia me esquivar. Sentia o gélido sabor do vento nos meus seios. Bicos assanhados ao vento, não podia controlar. Olhos que de tão negros, não se via.

Andava, pés no tijolo da rua inquieta. Sonhos, uivos, luzes que piscavam pertinho de mim. Queria um brinde!

Uma taça de bolinhas que pupilam sobre os lábios. Elas me excitam. A língua reage...

Dá vontade de me escorregar sobre ele. Rígido, tenso, pronto.

Com minhas mãos me deleito e ele se aconchega. Pede mais e mais e mais um pouco. Eu paro!

Ele reage! Tão lindo e macio. Me enfio sobre ele e o amoleço. Ele pede mais...

Coloco mais meu corpo tão inteiro que ele grita. E chora.

Chora tanto que escorrega sobre minhas coxas tão nuas. Depois me acaricia e deita. Deita-se sobre a noite fugaz e insólita.

Com as mãos chego ao ápice e me perco de mim.

Bruno Black



Meu nome é Bruno Black, morador da Comunidade do Fumacê em Realengo, na Zona Oeste do RJ. Vivo da Poesia e da Cultura e tenho 8 livros publicados, sendo mais 8 novos em 2021, ou seja, total serão 16 livros publicados. Tenho três programas de tv e web: Xexelento da Peri; Tô com Bruno Black e Pergunta. Meu legado é focado em despertar, divulgar e cuidar do dom das pessoas e por isso tenho um projeto de Oficinas Literárias "Domdomdom".

Quer saber mais?

Fica de olho nas minhas redes sociais!

Acredite,

Se tens um dom, seja!

Começa o tiroteio

Bruno Black – Fumacê – Rio de Janeiro

Começa o tiroteio

E os pobres moradores de conjuntos habitacionais

Fazem de suas paredes frágeis

Que foram construídas com materiais de quinta

O seu lar, a sua fortaleza

Fortaleza que concorre entre:

Ora está sendo dominada pelo cheiro de maconha...

Ora está sendo dominada por balas...

Ora está sendo dominada por bandidos invasores...

Mas apesar de tudo isso

A fortaleza consegue se manter de pé

E faz daquele pobre cidadão

Um ser que mesmo sem liberdade

Consiga sonhar que um dia terá a paz tão desejada

Se olha pela janela

Tem alguém te vigiando...

Se sai para fazer compra

Tem alguém se observando...

Se reclama de algo

Tem alguém lhe causando terror...

Se denuncia

É expulso da sua própria casa...

E é acusado de traidor

Mesmo que nunca tenha se tornado conivente com as ações dos mesmos.

Enquanto o tiroteio se alastra entre os prédios de barro

Os favelados ficam aflitos

E prontos para escutar fatos que acontecem todo dia

Ora um é ferido...

Ora outro é morto...

Ora uma parede foi furada...

Ora uma janela foi quebrada...

Ora ninguém se feriu...

Tudo isso já faz parte de uma rotina contínua na vida do pobre cidadão da favela

Que vive de uma esperança

Que às vezes se esconde

Porque não sabe mais como alimentar esse povo faminto

O tiroteio continua...

Os favelados famintos continuam...

Os prédios de barro continuam...

E a mente das pessoas que contribuem para a nossa destruição

Continuam soltando tiros pela culatra.

Beijo roubado

Bruno Black – Fumacê – Rio de Janeiro

Inesperadamente você aparece

E eu vejo-me literalmente do seu lado

Seus olhares pareciam já pertencer ao meu

Mas nos comportamos na certeza de que teríamos muito ainda a trocar.

Aos poucos vi minha voz sussurrando no seu ouvido palavras de amor

E seus poros se abriram para sentir meu calor

A conexão estava divina

E os desejos que não são bobos foram tomando forma

E quando quase te tive pra mim de total verdade

Você se levantou como um foguete, me deu um beijo

E pulou pra fora do ônibus como se fosse uma miragem!

Por pouco pensei:

Acho que encontrei o grande amor da minha vida

Mas acho que depois disso, nem vivo de verdade eu estava

E percebi que meus olhos do corpo estavam fechados

E logo era um belo sonho!

Só ficou uma dúvida no ar:

Será que sonhos se realizam?

Que beijo roubado foi esse, acho que roubou meu coração junto!

Beba-me!

Bruno Black – Fumacê – Rio de Janeiro

Por que falta coragem pra viver?

Por que gasta mais tempo

Se destruindo do que se curando?

Por que tens forças pra destruir o outro

Mas pra se restaurar

Parece ser uma mosca muito morta?

Toma vergonha nessa cara linda

Arruma a casa

Coloca uma nova roupa

Se ame

E tome o melhor remédio

Que também é seu presente

E que fará sua alma liberta!

Viva a poesia!

Carlinhos Russo



Sambista, cantor e compositor de diversas obras em parcerias com Zezinho do Valle, Nilsinho Rangel, J. Laureano, Marimbondo, Regina do Bezerra e em nova parceria com Valéria Barbosa. Com grandes sucessos gravados pelo saudoso Bezerra da Silva, Grupo Sol e Marcelo D2.

Sarau na favela na casa de Jacira

Carlinhos Russo e Valéria Barbosa – Rio de Janeiro

Venha conhecer o nosso ambiente

Onde a paz se faz presente com muito amor e axé

Poesias expressões em telas

Nosso Sarau na Favela

Nos ensina e faz viver

Nosso lar é Casa de Jacira

Onde o poeta se inspira

Traduzindo em emoções

Em um raio de luz nos ilumina

Trazendo a paz divina

Para os nossos corações.

Faça parte deste paraíso

Traga junto o seu sorriso

Vamos nos contagiar

De amizade afeto e carinho

Transformando este recinto

Em nosso segundo lar.

Venha nossa porta está aberta

Para o povo e o poeta

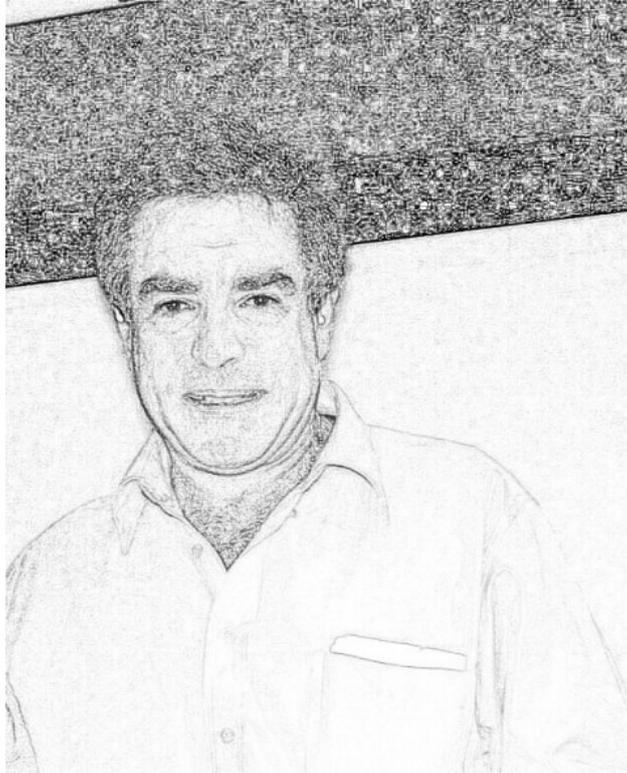
Que queiram nos visitar

A felicidade tem um CEP

Se quiser nos encontrar

Vem pra Rua Aguiar.

Carlos Poeta



Carlos Poeta é do Rio de Janeiro, poeta, escritor, compositor, profissional das áreas da saúde e educação.

Vibram tambores...

Carlos Poeta – Rio de Janeiro

Vibram tambores
Lágrimas teimam escorrer
Saudades daquela África
Saudades dos amores
Da vida simples
De um reinado de flores
A florescer,
Lágrimas teimam...

Ao longe
O tambor ressoa
Fala de vida
A tristeza, que morra
Em cada lágrima escorrida
A face, beijando
Tambores
São meus olhos
Chorando
Orando a lua
Ouvida meu tambor
Alumia meu corpo
Tambor apaga essa luz
E a dor
Tambor se faz ouvir
Diz a eles
Sobre o amor...

Continua tambor apanhando

Me vingo
Te açoito
Quero que apanhe sorrindo
Enquanto se me oferta
Chorando
Meu corpo faz-se tambor
Orando
Clareando minha cor
Amanhã
É sol, meu chicote
A lavoura
Meu tronco
Minha pobre sorte
Deixa ecoar o tambor
E nunciá
Minha morte
Sinhô...

Rio

Carlos Poeta – Rio de Janeiro

Bala perdida, bala achada
Gente que reza, gente que mata
Vai pra escola, mas fica abaixada
Quase que chega
Não sabe se sai da balada...

Este meu Rio
De muitas estradas
Sai dessa onda, rapaziada
No ar a marola
Tremenda furada
Uma onda gostosa
Beijar a amada
Caminho de volta
Bem mais animada
Se desviar a direita
Leva facada
Já na esquerda
Dá arrego moçada
Milícia parada
Chiiii
Tem gente encrecada...

Família
Abençoada
Saúde
Melhor a vovó,
E sua rezada...

Um rio poluído, contamina o coração
Mas, o Rio de Janeiro
É de Sebastião
Com ou sem educação
A cada tiro ouvido, resvalado no céu
Chora um filho, Nossa Senhora
Sofre o anjo Ismael...

Rio, cujo “Choro” é improviso
O samba, de roda
De repente, dor sem aviso
Moda
No morro, no asfalto, na serra, no mar
Tem gente contente
Tem gente a chorar
Tem gente vencendo
Morrendo a gritar!

Mestre Carlos Azevedo



| Natural de Montes Claros, Minas Gerais, Carlos Azevedo escreve sobre o Grande Sertão resgatando Histórias e Contos do povo Sertanejo Mineiro. Preservando nossa memória e divulgando nossa Cultura.

**“A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.”**

1

O ponteiro do tempo anunciando
E chegando o momento da partida
De repente ele leva a nossa vida
Pois a morte em frieza vem cortando
De graúdo a miúdo se embarcando
Na jornada de quem nunca se isenta
Se for moço ou se for velho de oitenta
Todos logo farão a caminhada
**“A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.”**

2

Ouçõ o sino tocando na capela
Divulgando a notícia inesperada
Melodia tristonha e enlutada
Um caixão, um defunto e uma vela
Carpideiras chorando em mazela
A cachaça que ao choro só fomenta
A vigília que faz noite agourenta
A lembrança e a culpa desbotada
**“A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.”**

3

Vejo nuvens escuras de tristeza
Que num dia bonito fica pálido

O queixume do povo é inválido
Pois eu sei quanto é dura a natureza
Tendo a morte por sina com certeza
Pra cumprir seu papel é virulenta
Sua cor se for branca ou for cinzenta
Sua ação muito firme e planejada
**“A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.”**

4

O castigo é flagelo do vivente
Nessa terra o viver é passageiro
Nesse mundo veloz, ilusioneiro
Devaneios palmilham a minha mente
A má sorte apeou no meu patente
A velhice é terrível e rabugenta
Quando a morte chegar nos arrebenta
Não se passa de humilde nem rogada
**“A marreta da morte é tão pesada
Que a pedreira da vida não aguenta.”**

Mote: Minervino Francisco Silva

Glosa: Mestre Carlos Azevedo

Carmem Aparecida Gomes



É de Ipameri-Goiás-Brasil. Formada em Pedagogia, Bacharel em Direito, Especialista em Ensino Superior e Mestre. Obras publicadas e comercializadas no Brasil e Exterior: A menina e o tesouro; A preguiça do cumpade Zé Cochoxi; O colecionador de tatuagens; Os sonhos mágicos de Eloan; Amo eternamente uma única vez um belo romance erótico e Entre o sacro e o profano, primeiro livro poético solo. Participações em *Obras Antológicas e Saraus no Brasil e Exterior. (* Livros, Revistas e Blogs).

Indecência

Carmem Aparecida Gomes – Goiás

Com você eu sou intensa.

Puxe-me!

Beije-me!

Embale todo o seu pudor!

Descobre a minha indecência e realize todos os seus desejos.

Na sua cama eu não sou uma dama, sou o bruto do pecado.

Quero alcançar as estrelas, sentir o calor dos raios lunares e chegar ao ápice do prazer.

Não seja manso!

Desvende todos os meus segredos e com os seus encantos guie-me pelos caminhos de seu corpo e se deslumbre com o meu doce perfume de Margaridas tocadas lentamente pelo o vento lento.

Nesse instante ouço o eco dentro do meu peito, são os gritos de minha alma ecoando com o meu coração palpitando enquanto a minha respiração ofegante atrapalha o meu “Eu te amo”!

É impossível parar de lhe tocar, de lhe provar e de lhe entregar a minha falsa inocência.

Sou pura indecência!

Com o meu corpo sobre o seu só me resta balbuciar doces palavras nos seus ouvidos:

Meu amor!

Minha louca paixão!

Eu te amo!

Ardência

Carmem Aparecida Gomes - Goiás

Tenho fome de ti!

Perco-me por entre os lençóis beijando devagar o seu corpo.

Fecho os olhos e no escuro toco o abismo de suas curvas.

Amo a escultura viril de seu corpo.

Deslize suas mãos por minhas costas enquanto provo o mel de sua boca.

Sinto uma ardência na alma.

Fogo!

Vejo faíscas nos seus olhos.

Sinto fome e mais fome de provar ti numa noite quente de verão.

Quero sentir o vento adentrando pelas vidraças e as cortinas nos abanando.

Desnorteia-me sussurrando seus loucos desejos nos meus ouvidos.

Eu não ligo!

Eu sou possessiva, atrevida, imperfeita, pecadora, misteriosa e quero ser para sempre a sua amante e escrava.

Sou a sua amante com toda ardência de uma fogueira bolinada pelo o vento feroz no silêncio da negra noite.

Quero ser o seu amor eterno numa noite longa de verão, beijando e amando te com toda ardência de meus desejos por ti.

Célia Melo - Bombom



Célia Maria Lins de Melo – Nascida em Natal / RN – Graduada em História pela UFRN (licenciatura e bacharelado). Na PM desenvolveu e coordenou o projeto denominado Absolutas, onde visitava escolas e comunidades para falar sobre os “males sociais”, fazendo uso da linguagem teatral. Neste sentido, participou de oficinas de iniciação teatral O. M. estripulia, TEART produção artística, Dearte/UFRN, Contação de histórias no CCN e SESC Natal. É contadora de histórias – Poeta – Cordelista É integrante da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do RN, Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguaras. Minha escrevivência é voltada para orientação de crianças e jovens sobre os males sociais

Bombom de rapadura

Célia Melo - Bombom – Rio Grande do Norte

Gosto do teu lambuzar
Do suco da fruta.”temporana
Do néctar de açúcar e mel
Do doce da cana caiana
Melhor expressão da tradição
Tempera a boca sertaneja
Cheiro de engenho, sedução
Sacia, delícia E te deseja
Doce é bom de todo jeito
Vontade é sabor de quem procura
Manjar, pudim e caramelo
Bombom no sertão é RAPADURA.

Eva

Célia Melo - Bombom – Rio Grande do Norte

Envenenei porque foi preciso.

Não procurei pecado,

Não quis saber de culpados.

Eu, mulher, quis sair...

Eu quis ver o que tinha do outro

Lado,

Aí busquei, como continuo a buscar,

Algo que pus em primeiro lugar

Busquei LIBERDADE.

Encontrei, provei, gostei...

E, assim, quem nunca quis

Provar da MAÇÃ da liberdade?

Quem nunca quis sentir o sabor da

LIBERDADE?

Atirem – me pedras!

Sangue

Célia Melo - Bombom – Rio Grande do Norte

A dor que provoca o Sangue
Não é tão importante quanto a
Sua causa finda,
O flagelo que a derrama
Não permite a história van
Na mulher tudo é Sangue
A inquietude
A perseverança
A teimosia
A mansidão
Nada é nada
Tudo é tudo
Intenso!
Amor, paixão, coração.
E, portanto,
pulsa, pulsa, pulsa...
A dor quando perpetua em hemorragia
Recicla a possibilidade da vida
E o que neste momento torna -se imortal
Nada mais é que a ideia
Que o sangue brotou
Na maçã que Eva Envenenou.

Regina Vieira



Cilene Regina Vieira, amiga querida moradora do céu, assistente social, professora, comunicadora comunitária, poetisa, atriz, produtora cultural, uma das fundadoras do grupo Raiz da Liberdade, grupo de Teatro da Cidade de Deus e que inspirou a criação do grupo Nós do Morro no Vidigal, e do Jornal a Notícia por quem vive criado em 2010, publicou várias matérias de cunho social. A alegria, a amizade e a fidelidade eram um dos seus dons naturais, acolhedora, sincera e amiga, viajou para os braços de Nanã no dia 17 de outubro de 2016. De lá para cá a Cidade de Deus perdeu o mais lindo sorriso e o nosso jornal se calou. Não poderia deixar de realizar o seu sonho de ter seu texto editado, foi garimpado dos meus arquivos. Grato presente da espiritualidade, reencontrei a sua voz nele e está aqui para chegar ao mundo e ao orum, querida. A minha eterna gratidão e saudade.

O que vejo nas fotos?

O mal e o bem andam lado a lado.

Convivemos com eles conscientes ou inconscientes.

Sempre surgirão os carrascos de sentimentos,

Para interromper as fantasias que temos para a felicidade.

Essa união seria perfeita se houvesse o respeito entre ambos.

A tecnologia invade a nossa vida,

Fazendo que não percebamos algumas situações difíceis,

Mesmo assim, tomamos ciência do que acontece no mundo.

E não nos atentamos a dificuldades que acontecem em nosso cotidiano.

Será que a tecnologia chegou para nos dar mais conhecimento?

Clécia Oliveira



Clécia Oliveira é uma aventureira da literatura, especialmente com poesia, contos e crônicas. Produtora Cultural com experiência de 20 anos na realização de eventos culturais, artísticos e acadêmicos, e em produções audiovisuais e editoriais. Também atua como jornalista, assessora de comunicação e revisora de textos. Eventualmente, ministra aulas particulares e realiza consultoria de produção de textos, elaboração de projetos e outros tópicos afins. Coordena as atividades e serviços da Fio Cultural Produções, que atua sob a base Cultura. Educação. Comunicação e coloca em prática vários projetos, entre eles, o Sarau FioMultiCultural, livros (multi)linguagens/plataformas/mídias e o projeto audiovisual Cine Fio.

<https://www.facebook.com/CleciaROliveira>

<https://www.instagram.com/fiocultural/>

<https://www.fiopoetico.blogspot.com>

Indesejado

Clécia Oliveira - Rio de Janeiro

Ceder ao canto dos ventos contrários
Não é o que se espera
No dia lindo de sol.
Manhã para acordar, tarde e noite para amar
Sem ênfase na (pouca) oposição.
O dia segue a semana
E a semana segue às angústias duradouras
Quando a escolha é não aproveitar boa conexão
Enterrar intenções desejáveis e adoráveis paisagens
Tamanha falta de consideração.
Se falta fogo, respeito ou paixão
O lindo dia se queima com a neve
Frente fria dos que não sentem
Amor além das peles.

Jogadas ao vento

Clécia Oliveira - Rio de Janeiro

Um dia, o poeta anarquista sensível irá experimentar o gosto das palavras que não conhece. O vocabulário do afeto é inesgotável. O poeta vai abrir as asas, acolher a brisa de quem tenta/fala e voará de coração leve, surfando ao vento na melhor das liberdades, sem mal-entendidos ou ditos rebuscados. Estará pronto para receber os carinhos além do véu. A clareza, coerência e verdade já são fato nas ações esperadas. O bem e o que podem os abraços são o cotidiano desde os primeiros passos. Precisam ser melhor compreendidos e praticados mutuamente. E que este futuro seja breve e as máscaras distorcidas se desfaçam, pois não existem por dentro. São impressões contaminadas e descontextualizadas no tempo do mundo inacessível, de comunicação avariada. Não passam de palavras que não dizem a essência. As desconhecidas ou as que se resistem a enxergar vão revelar outros mundos. As desconstruções textuais de vida e de comportamentos serão expressas em ações dos desejos de sempre. Há outros lados poeticamente autênticos que serão postos à mesa, com fartura que nem se imagina, pois são os mais condizentes com os sentimentos que sobrevivem além do abstrato. Virão novas palavras, de afeto profundo, em poemas para viver a dois (mundos que se juntam sintonizados), sem dor ou rancor, quebrando o que se resiste a enxergar. E tudo então será leve, em sincronia com a almejada paz duradoura, como o que de bom escreve o destino.

Cleidirene Rosa Machado



De Catalão Goiás, licenciada em Letras pela UFG, Bacharel em Direito pelo CESUC/FATECA. Membro vitalício da Academia Independente de Letras pela Casa Literária Enoque Cardozo (CLEC). Persona: “O Privilégio”, cursou gastronomia, estuda música, o seu poema: “Cerveja Adúltera” e Balada da Escuridão foram considerados um dos melhores poemas dos anos 2019 e 2020 pela Revista LiteraLivre. Livros publicados: A Moça do Cerrado – Segredo do Jardim pela editora WI; Vermelho Sangue em Tom de Lá Maior pelo Clube de Autores e ainda: Prosa e Poesia – Da Noite e Do Dia pela Edições CRM. Participação em várias antologias poéticas e obras coletivas,

E-mail para contato c.l.e.i.d.i@hotmail.com

Afrodite, a deusa!

Cleidirene Rosa Machado – Goiás.

Pela grandiosa força e sangrenta dor
Emanou-se dos céus, o sangue de um criador,
E o último suspiro dele, caiu em água prometida.
Gotículas envoltas de sementes da vida
Era dele, Urano. O bravo e destemido senhor.

Por clemente, piedosas e fecundas ondas do mar.
Segue em frente, rosas, maçãs e romãs a florar.
Por entre as conchas, por entre os lençóis de corais.
Vai conduzida por cisnes, pombos velozes e pardais.

Vem espumas das águas, tu és o berço de uma deusa imortal.
Vem Afrodite, ornamentada. Tu és o broto de um amor sem igual.
Amou Ares, desposou Hefesto! Mãe de Eros! Tu és Vênus!
Linda Afrodite! Minha plenitude! A ti resguardo todo o meu ônus.

Cristais da música

Cleidirene Rosa Machado – Goiás.

No silêncio de uma noite fria
Cá do entorno uma voz surgia
Lá do alto duas taças de Cristais se via
Lá de baixo, a doce ópera ela seguia

Anjo da música! Olhe! Os cristais se foram!

Um barulho ensurdecedor
Trêmula a mente, trêmula as mãos
Não veio de cordas vocais
Não veio de instrumentos musicais.

Porque toma-me o céu, meu grande amor?
Veja tão sozinha, cá longe eu estou
Apiede-se de Minh 'alma meu bravo senhor

Diga-me que hoje o tempo não parou.
Diga-me que não foi por minha boca...
Diga que não foi por meu canto...
Diga-me que o vidro por mim não se quebrou

Se me proponho a olhar os cacos
Se me proponho a deslizar meus dedos
Gotas de sangue me revelam a dor
Gotas de lágrimas revelam meu medo.

Meu amor, meu estranho amor
Diante de ti, singelamente eu estou

São pedaços no chão, como dizer que não.

Creio em Ti, ó pai que ascende o dia

E se por ti não me afasta a melodia

Afasta de mim a dor desse sentimento

Taças de vidro, cacos de vidro ao vento

Elas se foram, se quebraram por dentro.

Adorável doença

Cleidirene Rosa Machado – Goiás.

E essa adorável doença
Às vezes foge de mim
E me sinto tristemente saudável
Talvez semanas, meses, anos, não sei
Mas quando menos espera está ali
Com mais perigo que da última vez
Vem pra fazer a febre aumentar
Fazer parecer que não vou suportar
O meu corpo estremece
Sobe e desce sem saber quando parar
Minha voz se cala, os meus olhos falam
Padeço em um sorriso diabólico
Em um gemido assustador
Minha alma chora e eu continuo ali
Implorando que me mate devagarinho
Que me torture mais um pouco
Que não se apiede de minhas lágrimas
Que finja não notar meu sofrimento
Quero morrer, simplesmente morrer
Ser enterrada consigo
Em uma lápide próxima ao infinito!

Edna Coimbra



Edna das Dores de Oliveira Coimbra - A autora é psicóloga e escritora, com textos publicados nas Revistas: Mare Nostrum (Clube Naval do Rio de Janeiro), Sarau Subúrbio, LiteraLivre e Amplitude. Tem seus poemas editados no Sarau na Favela e Sarau da Marquesa. É atuante no Projeto Cartas para a Vida.

As mulheres da minha casa

Edna Coimbra – Praça Seca Rio de Janeiro

Como eu amo as mulheres da minha casa!

Pretas, brancas, morenas ou pardas

de altura mediana, baixa ou alta

todas elas são sagazes!

A começar pela matriarca

que era cheia de graça

amorosa e dedicada

ela sempre teve muita raça.

Das filhas, a primeira, é leal e conselheira

continuamente com os pés no chão

nunca teve medo de se arriscar

buscando sua emancipação.

A segunda, sempre independente,

não se deixa afetar por oposição

traça seus projetos de vida

com muita avaliação.

A terceira é guerreira

enfrenta as lutas com alto astral

pois sabe que seu rebento Autista

não pode ficar para trás!

Ela possui senso maternal forte

marca da herança ancestral.

Essas mulheres da minha casa

são presentes de Deus

portanto eu lhes rendo honras

Pelo valor que elas têm!

Bendito anjo

Edna Coimbra – Praça Seca Rio de Janeiro

Bendita velhice dos sessenta anos!

O vigor ainda está no corpo
existe adaptação e memória
imaginação e criatividade
ânsia de amar, de gozar e de ser feliz
mas a artrose, a artrite, a tendinite pedem menos aceleração.

Bendita velhice dos setenta anos!

Não há a mesma disposição de antes
contudo ainda há atenção e energia
iniciativa e sociabilidade
porém a obesidade e a inatividade física
somados com bursite e outros tantos ites
atrapalham o caminhar e o produzir.

Bendita velhice dos oitenta anos!

Os tremores involuntários se fazem presentes
todo o corpo está muito mais vulnerável e muito mais cansado.

Bendita velhice dos noventa anos!

A postura está inclinada para frente
e a memória focada na saudosa juventude.

O pensamento está desorganizado e o discurso inadequado.

Bendito Anjo chamado Morte!

Morte que descansa o corpo e dá paz a alma
que leva o espírito ao retorno do Lar.

Morte que apaga todo o mal-recebido
e por misericórdia, todos os males afligidos.

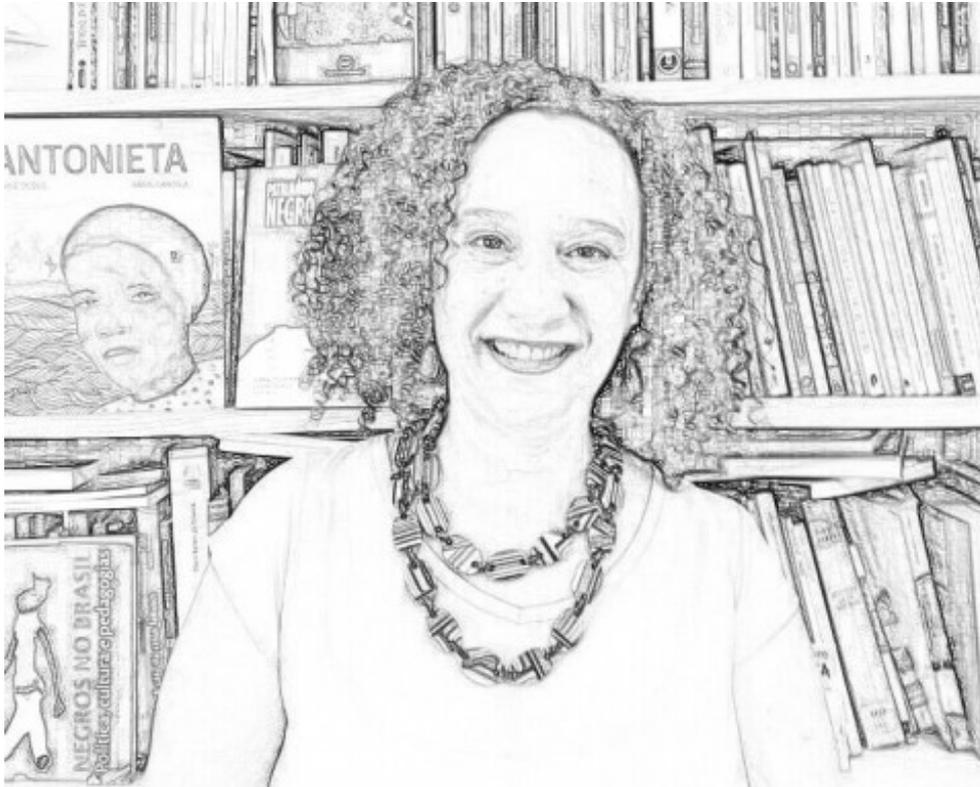
Morte tão repudiada, mas tão necessária.

Interferências

Edna Coimbra – Praça Seca Rio de Janeiro

Passado e presente bailam diante dele.
Vivos e mortos sincronizam-se
como se o tempo parasse.
E ele faz, a cada dia, essa transferência
do ontem e do hoje
buscando harmonizar os fatos
os nomes
os rostos
as vozes.
Suas mãos trêmulas acenam para mim
mas não sou eu quem ele vê.
Seus olhos fitam os meus
mas eu sou alguém que já se foi.
Suas palavras são dirigidas a mim
como se eu conhecesse
todas as circunstâncias que ele viveu.
Mas há momentos, é verdade,
em que o hoje é apenas hoje
Sem interferências, sem compartilhamentos.
Então nesses momentos
eu sou apenas a esposa dele.

Eliane Debus



Eliane Debus é Florianópolis, professora na UFSC, com pesquisas na área da Literatura para infância e juventude. Autora dos livros para infância *O medo e seus segredos* (2008), *É tempo de Pão-por-Deus* (2011) e *Antonieta* (2019). Está no livro *Marias II*. (Org. Jeovânia P.); *Escrituras Negras II* (Org. Jeovânia P.) e *Mulheres Maravilhosas* (Orgs. Sol Figueredo; Margarete Prado). É autora de vários livros teóricos. E agora por dentro do que essa mulherada faz, quer estar junto. As poesias ficavam guardadas, resolveu desengavetá-las. No ano passado, começou a participar dos Saraus da gurizada. *Vozes Negras* e o Sarau da Costeira. Em maio começou o projeto *Poesias do meu quintal*, onde traz poetas negras e negros.. https://www.youtube.com/channel/UC8RpWSzQrKkDhS4CPMxK9_w

Restos da noite

Eliane Debus – Florianópolis

Acendo o último cigarro
solto no ar a fumaça,
embriagando-me no cheiro acre do tabaco.

Reflexões da noite:

Água,
luz,
aluguel ,
prestações.

As cinzas acumulam
no cinzeiro branco.

Tocos diferentes avisam:

-Estou só.
Restam os tocos,
cheiro acre-doce,
fumaça persistente.

Fico eu,
sem rumo,
fumaça que vai e que passa
deixando o cheiro enjoativo de sua presença.

Bilhete ao amado

Eliane Debus – Florianópolis

Venha,
acenda uma vela
reze uma prece
sem pressa.

Traga-me flores e biscoitos de maisena.

A cidade é fria
traga uma coberta para estes dias.
Ela é bonita e grotesca,
ora calma ora tumultuada.

Não esqueça das cápsulas
para enjoo
e boa viagem.

Fuga

Eliane Debus – Florianópolis

Fujo do exílio,
mala na mão.

muitos vêm
outros vão.

Apertos,
braços abraços,
carinho aos que chegam.

Adeus, simplesmente,
aos que vão de mala de mão.

Fernanda Luíza



Graduada em Física, pedagoga, encontra na escrita um oásis em dias difíceis.. Mulher preta inspirada pelas filhas e pela necessidade de escrever, faz do papel um campo de amor, reflexões e afetos. Autora do livro, *África, seu povo, o maior legado* (Editora Triluna) e participações em diversas antologias.

Cronos- tempo saudades

Fernanda Luíza – São Paulo

Tempo grandioso eterno
Constituinte de amor frondoso
Em segundos transmite gozo
Nas noites de enamorados ternos
Cronos que saudoso inflama
A chama de um amor ausente
dono da eternidade
Tempo culpado pelo sentir
saudades

Doce encanto

Fernanda Luíza – São Paulo

A ela restava o colo.
Posto de furtivo encontro.
Um fio de acalanto
antes da partida fria.
Ele suspende a calça.
É sempre fria, sombria
a solidão, por não ser ela
mulher doce encanto.
Prefere receber um tanto
Pela noite campo-santo

Humanidade (Meu nome)

Fernanda Luíza – São Paulo

Palavras como
preta, negra, mulata.
arrancam de nós
o nome
Imputando
condição desumana.
impelindo correntes
roubando nosso direito
de franca justiça.
Sem nome,
imperam o desrespeito,
a desigualdade
o silêncio
enfim, a barbárie
Meu nome é Fernanda
E o seu, qual é?

Graziela Barduco



Graziela Barduco é uma multiartista brasileira e mestre em Artes da pela Escola Superior de Artes Célia Helena. É atriz, diretora, escritora, cantora, arte-educadora e editora de vídeo, bem como autora dos livros "Na Rima da Menina" (editora Versejar), "Lutei Contra 100 Leões - Todos os 100 eram Jumentos" (editora Feminas) e "A Menina e o Pé" (editora Guismofews).

Noite

Graziela Barduco -São Paulo-SP

Na calçada o pavimento
E a lua lá no alto
Brilha no escuro do asfalto
Ilumina o movimento
Sentinela do tormento
Dos semblantes corriqueiros
Por detrás de dois coqueiros
Dança em nuvens estimadas
As donzelas tão amadas
Nos cinzentos nevoeiros.

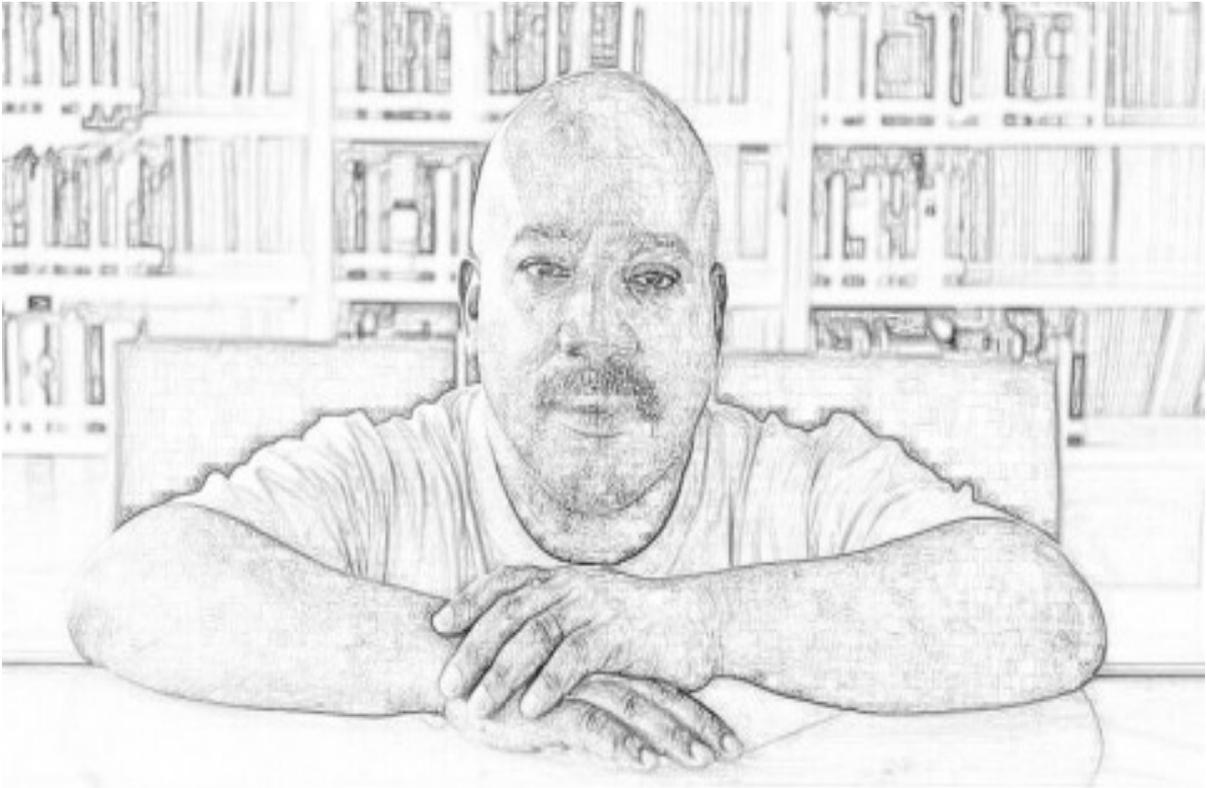
Transição

Graziela Barduco - São Paulo-SP

No lugar onde vivia
Percebi a duras penas
Que a dor que eu sentia
Engoliu outras centenas
E conforme as digeriria
Libertei-me das gangrenas.

E meu peito então sorriu
Foi inflando em quietude
E tão logo decidiu
Rebuscar-se de atitude
Risco que me permitiu
Degustar da plenitude.

Haroldo César



Haroldo César é do Rio de Janeiro, poeta, escritor, compositor, locutor, ator e gari.

O dinheiro

Haroldo César – Rio de Janeiro

Dinheiro

Todo mundo quer dinheiro

Quanto mistério envolve o dinheiro

a começar pelo nome sobrenome codinome renome

o chamam de...

Grana, bufunfa, trocado, qualquer, bolada, mixaria, din din, pixulé...

Atrai toda mulher ou melhor quase toda mulher

Parece que é inimigo da ralé

Por ele se admite, se demite, se permite,

Por ele, quanto apetite!

Por ele se contrata, distrata, maltrata, muita bravata... Por ele se mata!

Ele faz herói, constrói, destrói, corrói...

Corrói momentos, sentimentos, transforma monumentos em fragmentos.

Pepê... larjan... tutu quem tem,

tem sorte, tem suporte, é forte pra chuchu.

Às vezes prolonga a morte, às vezes faz tomar no....

no... Deixa pra lá, não vou falar! Esse termo indecente, e não combina com a gente.

Esse termo nojento, não condiz com esse momento.

É meio sem nexo, faz o tema submerso vir anexo, fico perplexo o dinheiro compra o sexo!!

Não, não, não, não, não estou falando de prostituição mesmo porque é uma profissão.

Eu me refiro à corrupção, corrupção nupcial prazerosa, corrupção sexual, asquerosa

Dinheiro oh! Dinheiro quem o tem é fadado, assediado, enamorado, homenageado, lisonjeado,

tem muito, muito quem tá do meu lado...

Dinheiro, cifrão dinheiro,
rapaz ele está por trás da estrutura da cultura e da arte,
da procura, da mistura, que em parte faz parte da nossa vivência,
essência, desse nosso encontro sagaz.

Dinheiro “faz me rir”, dinheiro ele está por dentro do movimento da minissaia,
da maracutaia, da tocaia, da gandaia, não se distraia senão você o perde.

E sem ele fica sem moral, anormal, um boçal, sem total aceitação.

Geral sabe que não é legal!

Geral sabe que não é bom!

Ah! Dinheiro,

dinheiro malvado, dinheiro dado,

emprestado, comprado, lavado,

tem muito que está desse outro lado.

Dinheiro lindo, tinindo, doado.

Dinheiro lindo, surgindo, herdado.

Dinheiro lindo, bem-vindo, super bem-vindo, mas somente quando vem abençoado

Samba e poesia

Haroldo César

Distraído, consumido, só percebi no outro dia,
que o samba, o velho samba, bom malandro pra caramba,
noivou-se com a poesia.

Já eram enamorados, fadados pela magia.
Ele embora danado, dotado de ironia, experienten, rodadon safadon por picardian,
apaixonado, gamado, pela moça quem diria.

Num vestido branco e rosa bordado de verso e prosa denominada poesia

O encontro era na praça.
Ela plena, serena, morena, cheia de graça.
Ele tenso, muito intenso, propenso a fazer arruaça, na candura, com ternura,
na pura mistura da raça.

E o tempo? Ah! o tempo foi passando...
Deus no céu abençoando, adequando, modelando, moldando aquela massa.
Certa vez em um passeio, no meio da juventude a poesia em devaneio, com virtude, e sem receio,
teve que manter o freio nos anseios e atitudes.

A poesia foi molestada, paquerada, foi cantada por um som pesado, tradicional; bolinada, perturbada, foi tentada pelo axé do afoxé.

Pelo arrasta pé, e pelo som rural, a poesia foi pinçada, lapidada, pelo clássico e pelo regional.

Mas a poesia não se encantou, não se encaixou, ela não se apaixonou.

Ah! Poesia se envolveu com a melodia, na formidável harmonia, na alegria de um batucar.

A poesia estilista, feminista, ativista, foi no sarau dos sambistas, Sim! Foi para o sarau dos sambistas com o samba se casar!!

Helena Monteiro



Maria Helena S. Lima (Helena Monteiro), mulher, negra, periférica, natural de Santo Antônio/RN, nascida em 29/06/1968. Graduada em Letras e Psicologia/UFRN, aluna especial do Mestrado em Letras/UFRN, escritora, poetisa, contista e pesquisadora da cultura popular. Sete livros publicados e participação em sete antologias. Fundadora do Coletivo Mulheres Tecendo Artes - Escritoras Santo-antonienses, Sócia-Fundadora da Academia de Letras e Artes do Agreste Potiguar e atual Vice-Presidente, Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN.

Braceletes

Maria Helena S. Lima – Helena Monteiro – RN.

Sou filha das madrugadas,
Esplendorosas, brinco ao luar,
Douradas borboletas a esvoaçar.
Sou filha das madrugadas,
Das noites escuras, pérola negra,
Sabor de coco caramelado.
Por tradição sou guerreira,
Abençoada pelas estrelas,
Constelações azuis, prateadas.
Resisti às tempestades,
Que o tempo preparou,
Aos vendavais,
Que o vento me arrastou,
Às lembranças,
Que a consciência guardou.
Ainda sinto o cheiro,
Do navio negreiro.
Em pleno mar,
Inquietas velas,
Arrojadas contra o vento.
Ouço o tinir dos ferros,
Estalar de açoites...
Quando visito o cais,
Para ouvir o soar das marés.
Renasci tantas vezes,
Mas ainda tenho um corte na alma.
Legiões de negros como a noite,
Dançam à luz das chaminés.

Sinto ânsia de liberdade,
E uma sinfonia fantasma,
Cambaleando aos meus pés.
Tenho uma argola na orelha,
O adorno dos braceletes.
Turbilhão de pesadelos,
Que me espreitam à noite.
Meus cabelos pixains,
Erguem negra bandeira,
Estandarte que reluz ao sol,
Sem entregá-los ao vento.
Os lábios carnudos,
O saudoso olhar,
São herança da minha gente.

Reverência

Maria Helena S. Lima – Helena Monteiro – RN.

Reverencio

“As terras sentidas da África”

Os povos negros arrebatados de suas terras

Arrancados de suas raízes

Aprisionados feito bichos

Acorrentados

Jogados em porões de navios

Perdidos, amontoados

Entregues a insensatez humana

Privados de ar, água, alimento

Deixados à própria sorte

Ao banzo, a morte.

Reverencio

“As terras sentidas da África”

A brava resistência dos negros e negras

- guerreiros!

Que contra a gosto

E, por imenso desgosto

Aqui aportaram

Para serem escravizados

Mantidos em cativeiros

Arrematados em leilões

Negando-lhes sinais da essência humana:

A dor, a lágrima, o riso, a alegria, o amor, a liberdade.

Reverencio

“As terras sentidas da África”

O batuque dos aguerridos sobreviventes

Manifestado nas senzalas, terreiros

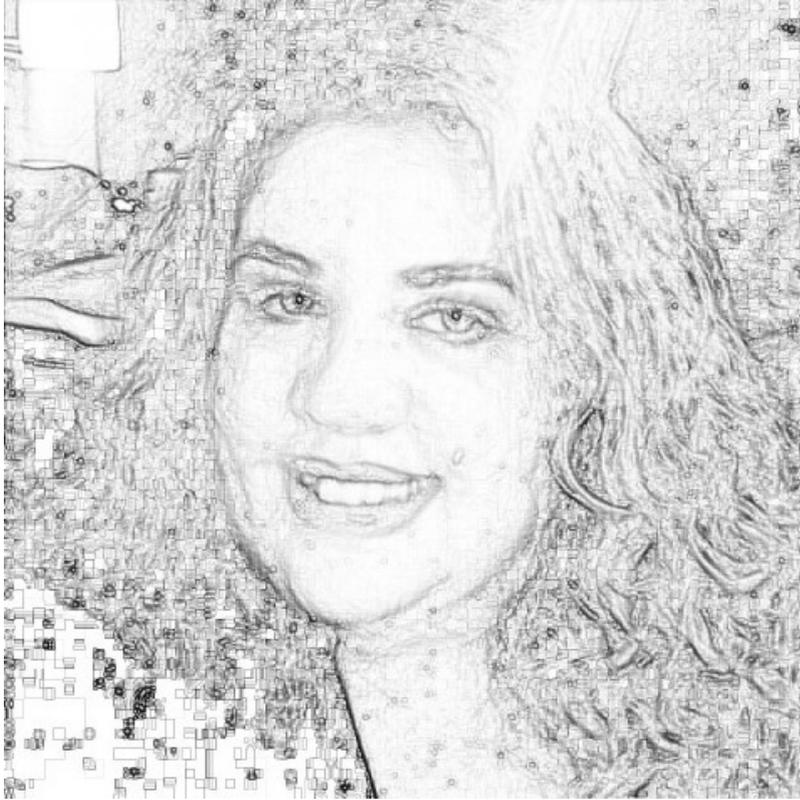
Fugindo do tronco, capitão do mato

Penetrando as matas, as Serras

Ecoando nos Quilombos

Aquietando a alma.

Isabelle Hypolito Campelo



Com formação no Instituto de Educação do RJ (IERJ) e Faculdade Celso Lisboa em Pedagogia. Exercendo a função de professora hoje na Rede Municipal de educação da Prefeitura do RJ há 29 anos. Já fui regente em sala de leitura tendo como objetivo fazer gostar de ler, adaptando livros com interpretações de música, dança, canto e teatro. Hoje sigo fazendo poesias cotidianas pelos dias que passam. Com duas poesias editadas em concursos da prefeitura. E é regente de turma de classe Especial.

Abrir a porta

Isabelle Hypolito Campelo – Rio de Janeiro

Sinto falta de poder sair, de ir e vir, sem medos.

Sinto falta de ver quem gosto sem receios. Sinto falta.

Sinto falta até de paz.

Sinto, sinto falta.

Diálogos monótonos e repetitivos mesmo que em vão.

Sinto falta de ser ouvida.

Sinto falta de ir com vontade de vir.

Sinto falta de cruzar avenidas com minhas próprias pernas, sem apoio.

Sem me escorar pelas grades para não correr o risco de cair.

Sinto falta de ver o sol, o mar, o céu e o lindo luar, e a lua cheia vai chegar!

Eu preciso ver.

Sim, estamos assim.

Sentindo falta.

Sentindo dor.

Querendo ouvir.

Querendo falar.

Mas, é preciso entender.

Que momento é esse?

A vida não foi feita para sentir falta, e sim correr para buscar o que se precisa. Corri tanto, estudei tanto, sofri madrugadas trabalhando ou estudando.

E agora?

Vivo para sentir falta?

Vivo por viver, viver sem alegrias, sem um sorriso ou mesmo um bom dia, mas vivo!

É... Sinto falta. De andar de mãos dadas, sentir a energia, forte, pulsando. Sinto muita falta.

De abrir a porta, sentir o calor do sol e ver os olhos do povo sem medo!

De muito mais.

Anjos de plantão

Isabelle Hypolito Campelo – Rio de Janeiro

Anjo são seres que mesmo longe ou flutuante, agem,
prezam, mas, não conseguimos vê-los.

Na vida, se não houvessem os anjos, por vezes estaríamos caídos, sem forças até para andar.

Que todos os anjos da minha vida continuem me segurando para eu compreender as minhas questões.

Entender as diferenças dos valores de ontem e os de hoje, tão diferentes e complementares.

Não posso ficar presa ao passado, tenho os valores fincados e força para sorrir. Quem sabe dar um nó no que me assusta, não engolir sapos ou me entalar por não digerir a emoção.

Dói meu anjo curativa, coloca suas gases de amor, sopra para bem longe a dor e faz cócegas na minha emoção, não me deixa fraquejar, é Ele não deixa não!

Então meus Anjos que não me deixem engolir fel é amargor, que me livram do fogo que arde, do veneno do desamor e que me curam de qualquer mazela e me presenteiam na vida com o dia seguinte para eu ter forças e lutar.

Olhos de graças

Isabelle Hypolito Campelo – Rio de Janeiro

Em Deus cruzei.

Olhos de raça enfim provei.

Sou uma cria que guia

E guiada pelo maior.

E com fé.

Olhos que veem.

Olhos que tentam ver o imaginável.

Olhos que sonham e brilham, querendo acontecer o que vê.

Olhos.

Seja como for: grande ou pequeno, castanhos, pretos, verdes ou azuis.

Mas que não sejam com veneno.

Olhos de Deus que veem tudo; esse é o mais iluminado.

Que sejam esses olhos que sempre nos olhem.

Olhos; existem em todos os lugares seres de jeitos diferentes assim com seus olhares

Esses bons que nos guiam.

Olhos nos olhos, os verdadeiros.

Podem ser os últimos, porém, serão sempre os primeiros.

Olhe então em minha reta! Seguindo a seta para seu bem viver.

Porque lá na frente uma luz irá brilhar só pra você.

Isadora de Almeida Barroso



Meu nome é Isadora de Almeida Barroso, tenho 18 anos, nasci no dia 23/08/2002 no Rio de Janeiro, moro na cidade maravilhosa até hoje e sou estudante/vestibulanda.. Tive uma ótima infância, cercada com família e amigos, em especial com a minha irmã Thays Barroso que é oito anos mais velha que eu e sempre me orientou em tudo. Na adolescência minha vida passou por algumas turbulências, mas sempre tive a companhia da minha mãe e de toda minha família para me dar o apoio que precisava. Hoje tenho muito orgulho de ter participado do sarau na favela, um projeto da minha madrinha Valeria Barbosa na qual eu amo muito e tenho muito orgulho.

Reflexões sobre o Enem 2020

Isadora Almeida Barroso – Rio de Janeiro

“Estude! De qualquer lugar, de diferentes formas, pelos livros, internet, com a ajuda à distância dos professores”

E em meio a essa propaganda muitos se perguntam?

Que livro?

Que internet?

Que professores?

Isso foi dito em meio a uma pandemia

Será mesmo que existe a meritocracia?

Nem o mais sonhador conseguiria sem o mínimo de ferramentas passar

Mas eu, com todo meu privilégio, vim dar voz e os representar.

Jackson Nascimento dos Santos



Profissional da área da saúde, terapeuta holístico, psicólogo, poeta, produtor cultural
Mora no Rio de Janeiro.

Pensei que eu fosse um poeta

Jackson Nascimento dos Santos – Rio de Janeiro

Pensei ser um poeta.
Ao rimar palavras e emoções.
Se me enganei não sei.
Estou aqui para falar aos corações.
Linguagem simples e emocional.
Que não precisa ser letrado, apenas inspirado.
Combinando o amor e o carinho.
Rimar com cuidado.
Cuidado para não derrapar na intenção.
Das coisas mais simples da vida.
Acertar o alvo do desejo.
Escrever sem a alma ferida.
Vi que apenas coloco a minha emoção.
Acho que de poesia não tenho nada.
Não me deprecio e nem me excluo.
Acho que sou apenas um bom camarada.
Não sei se talvez escreva um repente.
Porque acho que poesia não tem que rimar.
Só passando pelo crivo de um poeta.
Para que ele possa me avaliar.
Tenho grandes amigos poetas.
Valeria Barbosa minha irmã poetisa.
Escreve como ninguém imagina.
Retrata a vida dura com ar de carinho.
Protesta, educa e ensina!

Protesta com poesias elegantes.
Sem perder a essência do pensar.
Enaltece quando precisa.
Retrata tudo ao escrever e ao cantar.
O talento é uma coisa engraçada.
De repente aparece na sua vida.
Assim vejo algumas pessoas.
Dominar a dor e a dificuldade.
Mesmo que seja desprovida.
Como é gostoso entrar por essa porta.
Sem se intitular a nada.
O prazer se torna enorme.
Facilita a caminhada.
Ser ou não ser, talvez não seja a questão.
Escrever tranquilo e livremente é a ação.
Discorro aqui palavras em poesia.
Sinto-me um ser independente.
Agradeço a quem aprova essa atitude.
A quem a desaprova também.
Aos indiferentes o meu carinho.
A Fátima o meu amém!
Sou guerreiro e vencedor.

Sei me levantar quando caio.
Sacudo a poeira da minha roupa.
Que mais parece um ensaio.

Apenas um minuto

Jackson Nascimento dos Santos – Rio de Janeiro

Apenas um minuto para que eu possa dar os meus primeiros passos.

Apenas um minuto para que eu possa te explicar o tamanho do meu amor por ti.

Caminho contra o tempo buscando no passado aquilo que não me recordo mais,
coisas que deixei escapulir da palma da minha mão.

Acho que tenho muito a ouvir e pouco a falar,
mas quero gritar porque já balbuciei o suficiente,
verbalizei toda uma existência para chamar a atenção e no silêncio permaneci.

Tento compreender porque as coisas foram desse jeito,
o porquê de você ser assim, de eu ser assim.

Volte e veja os lírios que nasceram na semana passada!

Tem pessoas que fazem do amor uma ponte para o infinito,
outras são o próprio infinito e miseráveis que permanecem na vida reclamando da sua
existência sem sentido e você não percebeu isso.

Oh doce vida!! Vida doce!!

Bom ouvir uma canção de amor!

Ah meu coração!!!!

Bate aceleradamente para ser ouvido pelo cupido que tanto o procurou e não o achou!!

Agora o tempo passou,

o barco navegou nas águas turbulentas da emoção!

E eu? Ah sim! sobrevivi!

Jeovânia P.



É poeta e professora. Mestre em Filosofia. Em 2016, lançou “Palavras Poéticas” pela editora Ixtlan. Já em 2019, lançou os livros de poesia: “Poeticamente Entre Versos & Bocas”, pela editora Ixtlan e “A-M-O-R”, pela editora Sangre Editorial, e o livro de contos “Quem abriu a boca da pedra”, pela editora popular Vernas Abiertas. Também idealizou, organizou e lançou a coletânea de poesias e contos “O Livro das Marias”, pela editora Ixtlan. Lançou a obra “Re[s][x]istência”, em 2020, pela editora da UFPB. Também em 2020, organizou e lançou as coletâneas: “Escrituras Negras - A Mulher que Reluz em Mim” e “O Livro das Marias II”. Organizadora da coletânea “Escrituras Negras - As Marcas”.

Folha de papel

Jeovânia P.- Natal/RN

Uma coisa misteriosamente fantástica
é uma folha de papel

assim toda branca

podendo virar chapéu
barquinho

e até espelho
nas mãos de um pintor

ou se emaranhar de palavras
e conter em si a capacidade de invadir a alma de qualquer um que lê

ou ficar branquinha
esperando um rio de cores pra lhe preencher

todas essas coisas se escondem
numa folha de papel

Josefa Rodrigues



Josefa Rodrigues é poetisa da Pedra de Guaratiba iniciou a sua trajetória poética em 2011, é mãe de cinco filhos, quatro vivem na terra e uma filha que vive no céu, Marina Rodrigues de Melo e avó cuidadora de 4 lindos netos.

Busca e luz

Josefa Rodrigues – Pedra de Guaratiba/Rio de Janeiro.

Buscar a luz

Admirar a luz

Que vem de você.

Admirar.

Admirar e encontrar

Você em mim.

Esta busca não tem fim.

Admirar você é assim!

Eu sem você e você sem mim,

Admirar você é assim.

É uma luz dentro de mim.

Homenagem a Iemanjá

Josefa Rodrigues – Pedra de Guaratiba/Rio de Janeiro.

Iemanjá mãe de todas as pessoas e da natureza.

Ela é o espelho do amor, da certeza.

Dentro do mar ela está.

Oh! Minha mãe *Iemanjá*

protege todos daqui e de lá.

Oh! Minha mãe, me acolhe e me abraça.

Eu vou levar flores para *Iemanjá*

Para o meu coração acalmar.

Oh! Minha mãe *Iemanjá*,

Quero agradecer por tudo que já senti, passei

e irei conquistar, pela sabedoria e a calma igual ao movimento das ondas do mar

Oh! Minha mãe *Iemanjá*!

Protege a quem mais precisa, tire todas as mazelas.

Protege o meu ser e o meu sentimento.

Oh minha mãe *Iemanjá*, me cobre com as suas ondas de água cristalina igual ao diamante.

Em todos os sentidos, minha mãe *Iemanjá* protege a quem já se foi.

Que o respeito sempre exista, através da luz do luar e dentro do mar, que brilha feito diamante, aonde você está! Minha mãe *Iemanjá*!

Rio de Janeiro

Josefa Rodrigues – Pedra de Guaratiba/Rio de Janeiro.

Quero o Rio de Janeiro cada vez mais belo.

Que o povo brasileiro pense que todos, juntos, podemos vencer qualquer barreira

O Rio que fique lindo, mais solidário, mais humano.

Desejo que desapareça a desigualdade desse Rio lindo, desse mundo tão lindo.

Desejo para o Rio toda a felicidade, para os que não tem um lar, a possibilidade de um, também um trabalho. Gente sem medo de viver.

Desejo um Rio de Janeiro mais humano, mais unido para no mundo e dentro de cada lar fazer a diferença e acabar com a violência.

Desejo para o Rio de Janeiro paz, saúde, prosperidade e felicidade para esta linda cidade.

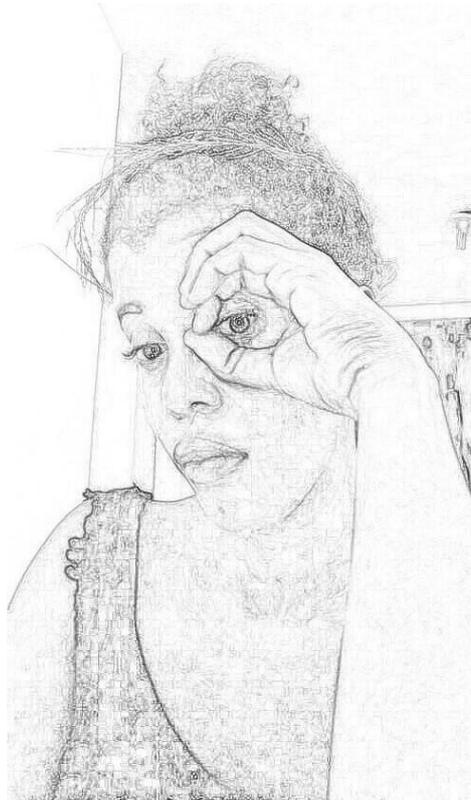
E viva o Sarau na Favela! Parabéns a todos os poetas do mundo inteiro.

Fala Favela! Fala Favela! A gente é a luz do mundo!

Em cada estrada, em cada caminho, todos juntos somos mais, somos luz!

Viva o Sarau na Favela.

Leandra Nel



Leandra Nel - Nome de Batismo Leandra de Souza Silva se denomina simplesmente como artista. Flerta várias vertentes (música, poesia, teatro, produção cultural.) Para fazer seus trabalhos artísticos se inspira na poesia marginal e na arte barroca.

Abrigo

Nome artístico: Leandra Nel – Rio de Janeiro

Ele saiu do interior de um lugar confuso para se

Inventar.

Nunca tentou ser um homem tradicional e

Não plantou árvores, nem escreveu um livro, mas,

um dia conseguiu fazer um filho.

Mergulhou em contradições e se perdeu no nevoeiro

Das chaminés dos carros da Cidade.

Viu cores retorcidas e as viu em cinzas e prata.

Não aprendeu, o jugo é quase criança, coração de cão

Felicidade, a suas trapalhadas e maneiras.

Não sabe se direcionar ou julgar.

É um mistério na verdade e sabemos só que ele quer

Se liberta de um umbigo e quer um abrigo.

Lídia Quadros



Lídia Quadros - Cantora, compositora, instrumentista e atriz. Mestre em Educação e Cultura nas organizações Sociais/UEMG (2007), Mestre em Música e Cultura Popular pela/UFRJ (2013). Licenciada em Música/UFMG (2004). Graduada em Artes Cênicas/UFMG (2006) e em Artes pela Faculdade Claretiano (2002). Espetáculos: "Quatro Estações", direção de Leticia Castilho (2003) Teatro Municipal Maria Clara Machado em Belo Horizonte, MG; "Tributino o Vaqueiro" direção de Rogério Lopes (2005) Teatro Francisco Nunes, Belo Horizonte, MG, atuou como atriz e diretora musical; "O Desamarrar da Canoa" direção de João das Neves e Titane em teatro Theatron (2005) Divinópolis, MG; Musical "Moinhos" direção de Renato Saldanha (2006) Teatro Gravatá Divinópolis, MG; Musical "Tambores do Sudeste" direção de Valdênia Andrade (2009) em Casa de Cultura Funarte Belo Horizonte, MG; Musical Coroação do Rei Congo com participação de Gilberto Gil, direção de Lenir Castro (2006) Praça do Mercado Divinópolis, MG; Musical "Estrada" direção de Eduardo Pita (2011). Teatro Laura Alvim, Rio de Janeiro. Espetáculos mais recentes são Baú de Brasis direção de Marcelo Santanna (2015) Teatro Parque das Ruínas e Batuque de Varal sob a direção de Marcelo Nascimento (2014) Teatro Artur da Távola RJ, Teatro, Sesc Pompéia (2015), Teatro Sesc Pinheiros (2016) e (2017) São Paulo. Vencedora do Prêmio de Música Independente Exposamba, melhor cantora São Paulo (2017). Atua nas Rodas de Histórias, Encontros Baby e no espetáculo O Navegar da Canoa do Catavento. É professora de Música da UFRJ do curso de pedagogia e coordenadora de música do Projeto de Extensão Música na Escola em Sulacap Universidade para todos.

Minha mãe

Lídia Quadros – Mineira, vive no Rio de Janeiro.

Foi minha mãe que mandou me buscar

Presente eu estou aqui neste lugar.

Ouro no céu

Pérolas no mar

É seu quintal

Tapete de águas

Bailado de véu

Coreógrafa do vento

O seu bailado é puro sentimento

Quando lança seu perfume

E seu canto no ar

É maestrina do mundo

Iemanjá

Vem senhora das águas

Vem senhora das águas

Vem. Vem. Vem!

Lindacy Fidelis da Silva Menezes



Lindacy Fidelis da Silva Menezes, Pernambucana, moradora da Rocinha há 34 anos, escritora, poeta formada pela FLUP, desde 2012, com nove participações entre contos e poemas, Um lançamento com as Sarauzeras Oníricas, várias participações em coletâneas. Meu Sonho, se Deus permitir, este ano é lançar meu livro solo “Destino Desviado”.

A flor da paz

Lindacy Menezes – Favela da Rocinha – Rio de Janeiro

Nossa vida é construída a cada passo sem descanso.

Caminhamos a cada instante na ganância do poder.

Esquecemos do amor.

Não somos mais amantes nem da vida e nem da natureza.

Vivemos na sombra do medo, na ilusão de dias melhores.

Sonhamos com a paz do mundo.

Sonho difícil de ser realizado, mas não impossível!

Não existe culpados, somos todos.

A terra gira, levando a noite e trazendo o dia.

As águas correm tranquilas em direção ao mar.

O tempo passa.

E a cada dia adquirimos novos conhecimentos.

Portanto, aposte no amor.

Aproveite a felicidade, invista na paz.

Deposite esperanças,

Acredite no poder de Deus, colha amigos.

Plante a semente do respeito.

Que um dia nascerá a flor da paz, para o mundo contemplar toda a eterna beleza

Os pensamentos

Lindacy Menezes – Favela da Rocinha – Rio de Janeiro

Às vezes no silêncio do meu mundo
me ponho a pensar nos momentos importantes
que me são dados em formas de pensamentos.

Um mundo interessante e maravilhoso,
que descubro a cada segundo
e me confunde a cada momento.

Tropeçando sigo em frente,
sem saber o que me espera.
Cada pedra que encontro se torna uma barreira
que aumenta as minhas expectativas
e desperta a minha curiosidade sem limites,
E aí me perco, e me pergunto e agora?

Paralisada permaneço sem saber o caminho.
Por um instante me sinto fraca
o desejo da desistência me toma e me apavora, mas, logo vem eles:
fortes e determinados, dando ordens e decidindo o que fazer.

Não sou dona mais de mim.

Eles me levam a caminhos desconhecidos, nunca vistos.

Onde os sonhos se tornam realidades e para minha alegria
acordo feliz, pensando nos poemas enviados por eles, os pensamentos!

Deus

Lindacy Menezes – Favela da Rocinha – Rio de Janeiro

Deus,
te vejo no olhar daquela criança faminta,
na mãe sofredora.
Na revolta daquela criança de rua.
que nasce do acaso pra viver no nada.

Te vejo, Deus...

Deus,
te vejo naquele mendigo que perambula pelas ruas sem teto
e mesmo assim, ainda sorrir.
Deus, te vejo no olhar da criança abandonada,
jogada nas ligeiras, nas valas
até nas caixinhas de papelão.

Deus, te vejo na pobreza dos mais pobres corações,
cheios de covardias, Ambições, inveja, traição...

São tantos sentimentos que me faltam palavras

Ludi Um



Poeta urbano versando sobre o dia a dia de uma maneira muito particular, cantador, compositor, educador e comunicador popular e ativista. **Ludi Um** mistura a cidade e o mar, a realidade e a fantasia, zona norte e a zona sul, o eletro e o rústico; busca com sua poesia a catarse social. Ludi não é único é Um... Dentro da sua barriga, mente, alma um batuque inovador, na sua quebrada o desafio às leis; um peixe que nada fere, nada machuca, nada interfere.

Um choro gritado
Choque
Choque com o mundo
Do líquido ao sólido
O ar
Novo ambiente
Sensação nova
Início de jornada
Trip de paz seviciada
um neguinho
Gigantes
Serei um deles
Sua imagem é mera semelhança
Deixei de Nadar
Calor
Jorro contínuo de nuances
É teto
é de zinco
Passei batido
chão batido
Portal de carne e sangue
Do líquido ao sólido
o ar
é apenas começo
Eu nasci!!!

Meu coração é um tambor

Ludi Um – Rio de Janeiro

Aqui no meu terreiro
o batuque é ligeiro
o baque é certo
o mulequinho está com morteiro
mas essa juventude não vai morrer
o ano inteiro

Aqui no meu terreiro
Tem batuque o ano inteiro
tem tambor que fala
Tambor que canta
tambor que dança
tambor que encanta

Tem Orixá
Tem Buda
Tem Maomé
Jesus
Oxalá
Oxalá me dera
Ter um bloco Funk poético
em cada esquina de favela

Oxalá me dera
que toda energia da favela
Se escoasse pela cidade
E transformasse
todas as coisas ruins

em uma coisa bela

Metrô de mangueira

Ludi Um – Rio de Janeiro

Tá lá sentado

Tá lá sentado

O moleque atrevido no asfalto quente

Tá lá sentado

Tá lá sentado

O moleque atrevido no asfalto quente

É Xangô

Buscando justiça

É Ogum

Querendo guerra

Tá lá sentado

Tá lá sentado

O moleque atrevido no asfalto quente

Tá lá sentado

Tá lá sentado

O moleque atrevido no asfalto quente

Sem medo

Sem teto

É ouro, prata ou bronze

É zinco

Moleque zincado

Desafiando as autoridades

SENTADO

Eu quero esta coragem

Pq quem perde a casa, perde o medo

Tem cor age e ganha a vontade de gritar

NÃO VAI TER COPA

E FODA-SE AS OLÍMPIADAS

pq é piada e sem graça

Eu quero a coragem deste moleque sentado

Mano Zeu



Mano Zeu (Eliseu Pirocelli) é DJ, produtor, agitador cultural e escritor em Foz do Iguaçu, PR. Membro fundador de La Comuna, Coletivo No Hay Frontera, Selo Editorial Kapivara Kartonera, Estúdio ECO Comunitário e Biblioteca Comunitária CNI.

Fala favela

Mano Zeu – Foz do Iguaçu

Fala favela fala

Solta o grito do peito

Fala que aqui não é só bala

Fala do jeito do gueto

Fala porque nossa fala calada não vira, a cara é falar

Fala porque ninguém cala o desejo da gente de se expressar

Fala a linguagem dos morros, na ideia, na dialética

Fala do desgoverno do Estado, fala da falta de ética

De quem criminaliza um povo e acha que isso é correto

Fala na gíria, na ginga, na rima, na lata, no seu dialeto

Fala com amor com paixão, fala com força e com raça

Fala pro mundo inteiro que o preto não aceita mordança

A arte que brota, que corre nas veias, que pulsa nos alto-falantes

Invade as faculdades notícias de um mundo não tão distante

Fala na web, nos blogs, nos sites, nas televisões, nos jornais

A voz estridente no megafone dizendo que o povo quer paz

Mas a paz com voz, com consciência de classe, a voz que abala

O cordelista, o griot, a porta bandeira e o mestre sala

Fala favela fala, fala tudo que pensa

Fala tudo que sente, no rap, no funk e repente

No samba, no rock, no reggae e forró, na ginga do capoeirista

Fala com o corpo nos passos da dança ao som que o DJ põe na pista

Ao som do cavaco em meio aos barracos, favela é nossa cultura

Com fotografia, filme, poesia, com circo e literatura
Nos traços, nas telas, grafite, teatro, o povo se manifestando
Ouçam nossas vozes, contra os algozes,
Ao som do tambor africano

Fala favela fala

Abraço de vó

Mano Zeu – Foz do Iguaçu

Quando toca o sino em canto de galo

O meu papagaio voa no céu

Voa livre preso ao seu cordel

O barbante ao vento tal qual chocalho

O meu peito borda colchas de retalhos

Vejo novos sóis em meu horizonte

Os meus pés meninos atravessam a ponte

E nas aventuras eu pego atalho

Mesmo inseguro e de passos falhos

Gotas de orvalho no rosto caem-me

Porque hoje a dor está off-line

E a tristeza embaixo do assoalho

Pelos bosques verdes onde eu me espalho

Vou colhendo amoras, lindos limões

E gritando amor a plenos pulmões

Entre troncos, folhas, raízes, galhos

Na madeira forte da memória entalho

Um mundo pra nunca me sentir só

Na eternidade do abraço de vó

Gestos e palavras são agasalhos.

Sem título

Mano Zeu – Foz do Iguaçu

trago beijos e abraços poéticos

mais eficazes que jogar moedas em poços de desejos

tenho abraços e beijos

braços e abraços

poéticos

poças de desejos

beijos de pão de queijo

com café e cafuné

em manhãs de pássaros despertadores

trago um trago de sabores

um saber saboroso

um amor de amora

um licor de acerola

trago traços, amassos

beijos

pela manhã um chá de poejo

e moda de viola na vitrola

Marco Cirilo



Marco Cirilo, nascido a 04 de outubro de 1976, na cidade do Rio de Janeiro, bairro da Tijuca, filho de dona Maria das Graças Cirilo de Almeida e Manoel Cirilo de Almeida. Sendo sua família, tanto por parte de mãe quanto de pai, uma família musical, se interessou pela música e aprendeu a tocar violão aos 07 anos de idade e aos 16 começou a cantar e compor. Marco Cirilo tornou-se multi-instrumentista, já integrou várias bandas e atuou em vários cenários culturais do Rio de Janeiro e Amazonas. Hoje se encontra em carreira solo e atualmente trabalha no lançamento do seu primeiro álbum musical e seu primeiro livro de poesias. Alguns de seus trabalhos podem ser vistos nas plataformas digitais como YouTube e Spotify.

Disse-me-disse

Marco Antônio Cirilo de Almeida - Rio de Janeiro

Quando eras criança, disseram-te que a vida é uma dádiva!

Mas não te disseram que ela caminha rumo à morte e, por vezes, a largos passos.

Disseram-te que o amor é mais importante que o dinheiro,

Mas não te disseram que na falta do vil metal, perderias todos os amores.

Depois disseram-te que a vida começa aos 40,

Mas não te explicaram por que seus pais se foram aos 30.

Uma vez, disseram-te que no final o bem sempre triunfa,

Mas, dando uma breve olhada para o mundo, entendeste que falavam das novelas.

Desde que nasceste, ninguém soube dizer-te de onde vieste

E na ocasião da morte, ninguém saberá dizer-te para onde vais;

Mostrar-te-ão apenas as enfadonhas especulações metafísicas.

Concluindo, só te disseram lorotas,

Pois toda a verdade subjetiva que a ti importa,

Descobriste na colisão do teu corpo com o mundo, na mistura do teu suor com a tua lágrima,

Na combinação do teu sangue com a tua dor, nas divagações filosóficas da tua mente e,

Quase sempre, sozinho.

Seu Angélico

Marco Antônio Cirilo de Almeida - Rio de Janeiro

Minha vida é uma poesia simples
Na leveza infantil que não me deixa
Uma eternidade de clarezas inocentes
Por isso, sou adulto apenas de um grande corpo
Minha tão grande alma me torna morto

Morto para a grande verdade da mentira
Para o querer que controla o ser
Morto para o malfazejo em mim mesmo
Morto para a grandeza do quase nada que é quase tudo
Para todo o falar me tornei mudo

O que quero, é o que sempre quererei
É tudo aquilo que penso
O pensar é o que vivo
O que vivo é o que está morto,
Mas, morto para quem não é vivo

O que sei é tudo
O que sei é o mesmo que sabem
O que sabem é nada
E o tudo está no nada
E todos nós estamos no tudo, caminhando para o nada
Que está no tudo

Sou como criança que descobre que tem pé
Toda boa descoberta me faz sorrir
Sou como criança que conhece a dona Angélica e não o seu marido

Mas quando o vê, o chama Angélico

Sou criança de verdade e sou adulto por assim dizer

Mas gosto mesmo é de ser criança. Elas fazem poesia sem saber

Seu mim e outros eus – a ida e a volta

Marco Antônio Cirilo de Almeida - Rio de Janeiro

Quando cansei de ser maravilhoso, enveredei-me por trilhas funestas,
Sentindo no perigo, o prazer do medo;
Fiz-me parar de precisar, cortando laços de sangue e outros de pus;
Recebi e rasguei pelo meu trajeto, palavras lindas e traiçoeiras
Que colocam no peito do besta, uma bela ilusão que o conduz ao palanque dos idiotas;
Cancelei a minha busca pelo amor, desprezando o mais devastador de todos:
Aquele que por ser utopia, consome o tempo de toda a vida e frustra o coração do homem.

Então volvi-me para a lambuça animalesca dos desejos,
Adentrando com a ferramenta cavernosa, vulgo Strong and Long, as florestas pubianas e buracos negros,
Afogando meu instinto nos oferecimentos dos lupanares, nas residências puritanas
E demais instalações, além das esquinas e o mato.

Arranquei poesia da solidão dos outros, bem como do drama egoísta dos chifrudos
E depois destilei e bebi o sofrimento alheio, sem sentir pena.
Retirei de mim a euforia da paixão daninha e veloz,
Desvendando, talvez, na liberdade do meu novo viver, o satanás que sou.
E ao me desfazer do apego humano, fui querido e respeitado por todos
E deixei de ser a anedota do mundo, Justificando então, a minha razão!

Um dia, quando cansado, como que em transe, um dos meus EUS, parou e olhou para dentro do ser,
Este era o SEU MIM! Perplexo com a distância cósmica entre aquele corpo e sua alma!
Pelos olhos dele enxerguei: no comando havia um EU, por mim desconhecido;
Eu, isto é, ele enfrentou o SEU MIM e quis se apossar do SEU MIM!
Muito sangue foi derramado e de qualquer lado, era sempre o meu sangue!
Foi uma luta de choro sentido, zombarias e pescotapas voavam pelo vento, e o vento dançava e ria de nós...
Foi grande luta ferrenha que adentrou a senda que não era alegre;

Mas o SEU MIM venceu! Manco, tonto, ardido e digno, assumiu o comando!

E colocou em seu lugar, aquela cambada e deu-me a conhecer a minha verdadeira força!

Após este embate tenebroso, ainda antes de recompor-me, uma intensa luz cadente desnudou-me!

Minha consciência estava lúcida e nesta hora eu chorei uma lágrima límpida,

Quebrei-me no remorso, e a metanoia me desceu como um sabão metafísico

E meu coração rasgou as partituras daquele andamento convulso.

Sabendo que não era eu, um satanáas, como aquilo que o SEU MIM havia visto

E ao retornar à maravilha que sou, indivíduos olharam-me com grande asco

E o mundo novamente virou as costas para mim

Enquanto DEUS que me protegia de tudo e até dos EUS,

Amorosamente me esperava.

Maria Alice



Maria Alice Gomes Pinto nome artístico Alice Miranda é do Rio de Janeiro. Uma artista de muitas faces: escritora, professora, estudante de música, contadora de histórias, especialista em Guia de Turismo e Educação. Participante de várias antologias (Movimentos literários do Consulado da Suíça, Clube Naval, Forte de Copacabana) e Saraus Literários (Sarau da Marquesa e Sarau da Favela). Grande incentivadora da arte e cultura.

As coisas necessárias e a necessidade das coisas

Maria Alice Gomes Pinto – Rio de Janeiro

Esse breve poema
Está aqui para vos falar
De tudo aquilo que é necessário
E da necessidade de ter.

Antes de ter,
É preciso ser
E tudo terá mais sentido.
O amor, emprego, carro e abrigo.

Quem faz a necessidade
É o necessitado.
De algo que julga prioridade
E atende perfeitamente
A sua vontade.

Essa vontade pode ser do querer
Ou de uma utilidade
Que essa coisa pode ter
Pra resolver algo de verdade.

Se o querer mandar mais
Pode não ser tão necessária
Essa coisa desejada
Assim será mais fácil, ou não
Ter essa vontade esquecida, ou adiada.

As coisas necessárias,

E a necessidade das coisas

Acabam de cumprir em mim o seu papel

Dessa necessidade doída e doída de escrever esse cordel.

Maria, fica quieta!

Maria Alice Gomes Pinto – Rio de Janeiro

Dedico a todos vocês leitores, que pararam por aqui e ficaram quietos lendo esses breves versinhos da
minha vida.

Com esse título
Todos podem pensar
Que Maria é uma criança
Levada, saltimbanca
Que só gosta de brincar.

Maria, de tamanho grande
Uma alma e um coração gigante
Já viveu, correu, pulou muito, antes...
Maria hoje adoeceu.

Então Maria fica quieta!
Não pode fazer coisas
Que antes fazia
A vida parou pra ela
Por um bocado de dias.

Mas Maria quer limpar,
Trabalhar, cuidar, dançar
E muitas coisas mais.

Então uma voz diz,
Bem no fundo do inconsciente:

-Você quer ficar doente?

-Maria, fica quieta!

-Vá escrever um poema.

Nós, não falamos português?

Maria Alice Gomes Pinto – Rio de Janeiro

Nós, não falamos português?
Não nos entendemos
Não sabemos o que queremos
Ou sabemos, e não queremos.

Nós, não falamos português
Essa língua culta
Que por vezes demais encurta
O nosso diálogo vão.

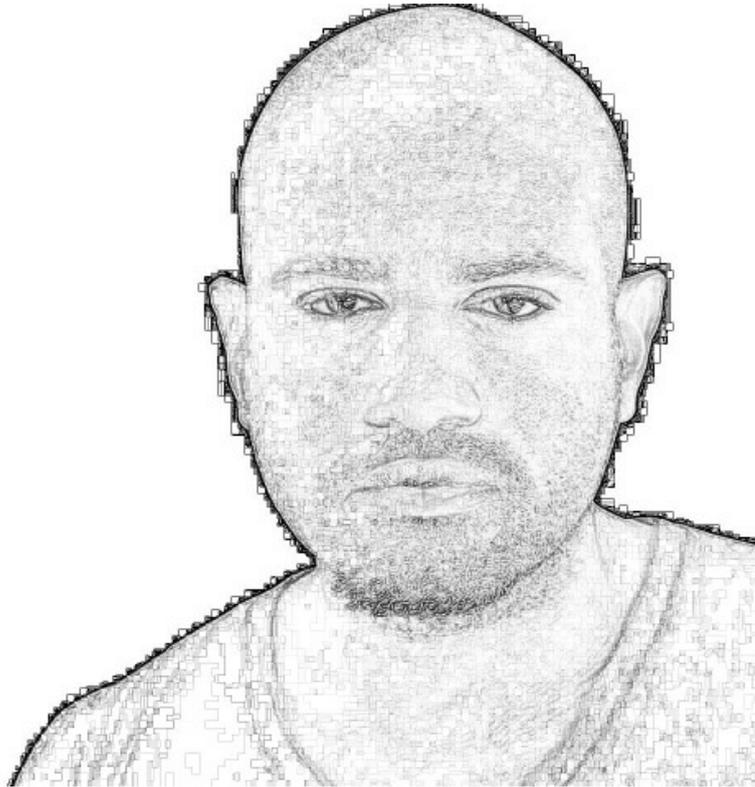
Nós, não falamos português
Hoje em dia, os jovens que nos vissem
Diriam: só que não.

Então, se nós falamos português
Porque os vocábulos não dão conta
Do nosso entrosamento
Do nosso entendimento.

Seria melhor mudar
O nosso falar, ou calar
As ações,
Atitudes,
Menos abc, mais fazer...

Nós, falamos português?

Mateus Brito



Mateus Brito é baiano, morador da Cidade de Deus, cineasta, ator, fotógrafo, poeta, produtor cultural, criador do projeto CDD em Cena.

Dona Lili

Mateus Brito e Poca Olho

O Ilê Aiyê não perde o bonde da história
Traz dentro peito Liberdade desde outrora
Ontem hoje agora o amanhã trilho expansão
Por essa comunidade bate o Ilê coração
(aí meu coração)
Revela toda complexidade cultural formação
Baluartes antigas entidades carnavais seus cordões
Candomblé mãe Hilda Jitolu coração do Ilê
Vodun zo elégún de Oxumarê por Pierre Verger
Ê manada estrada das boiadas
atual Liberdade urbanização
Nessa rota quilombos Barro Preto conscientização
Lima e Silva Estica Pero Vaz Curuzu podes crer
Que os filhos da Liberdade
É destaque esse ano no tema do Ilê
O meu coração é a Liberdade
Traços africanidade
penteado no contexto
Mais um prodígio do gueto
Nesse solo fértil identitário
Parimos diversidade abortamos preconceito
Autoestima ascensão canta aí
O maior bairro Preto é aqui
Meu lugar linha oito enquanto eu não partir
Vou ficar por aqui dá-lhe dona Lili

Mery Onírica



Me chamo Maria Inez da Silva Moraes, conhecida literalmente como Mery Onírica. Escritora, autora e poeta formada pela Flup. Produtora cultural independente, apresentadora cultural, ativista sociocultural e humanista, aquariana, flamenguista e Mangueirense. Aversa à maus tratos á animais, idosos, crianças e deficientes em geral. Membro do grupo Sarauzeiras Oníricas.

A vida pós – pandemia

Mery Onírica – Vila do Vintém – Padre Miguel/Rio de Janeiro

Num mundo onde a ganância
E a corrupção prolifera
Não tem lugar para certas coisas
Mas com a Pandemia
Muitas mudanças se vêem
Mesmo estando separados
Estamos mais unidos
Quando a Pandemia acabar...
Os amigos poderei abraçar
Baterei palmas para dizer obrigado
Pela união das famílias
Pelo rio com fartura de peixes
Por ruas limpas
E os animais com liberdade
Na terra e no mar
Os sorrisos serão mais verdadeiros
Haverá um futuro muito mais objetivo
Se dê a chance de amar após a Pandemia e se fazer um ser humano melhor
Alguém disse: “Às vezes a doença é a cura “!

Salada de grandes

Mery Onírca – Vila do Vintém – Padre Miguel/Rio de Janeiro

Ao som de Vinicius

Canto Jobim

Ao som de Caymmi

Canto Roberto

Ao som de Aragão

Canto Nogueira

Ao som de Pixinguinha

Canto Noel

Ao som de Gadú

Canto Elis

Ao som de Martinho

Canto Jair

Ao som de Carolina

Canto Marina

Ao som de Cássia

Canto Fawcett

Ao som de Elson

Canto Jovelina

Ao som de Jota

Canto Jamelão

Ao som de Erasmo

Canto Pepeu

Ao som de Anitta

Canto Rita

Ao som de Dudu

Canto Clara

Ao som de Vercillo

Canto Ana

Ao som de Elba
Canto Ramalho
Ao som de Caetano
Canto Gil
Ao som de Almir
Canto Bibi
Ao som de Gonzaguinha
Canto Amelinha
Ao som de Barão
Canto Capital
Ao som de Fafá
Canto Gal
Ao som de Betânia
Canto Sandra
Ao som de Amado
Canto Nelson
Ao som de Marcinho
Canto Valeska
Ao som de Paralamas
Canto Exalta
Ao som de Melodia
Canto Cartola
Ao som de Dalva
Canto Nalva
Ao som de Raça Negra
Canto Martinho da Vila
Ao som de todos os ritmos
Canto todos os grandes!

Saudade

Mery Onírca – Vila do Vintém – Padre Miguel/Rio de Janeiro

As paredes guardam o seu cheiro

O chão marca seus passos

O cobertor guarda o seu suor

No corredor o cheiro do cigarro

Anunciava a sua chegada

Cada canto da casa

Tem a sua marca

As fotos e vídeos guardam o seu sorriso

Sua marca registrada!

Os bons momentos não se esquecem

Os maus nós ignoramos

O dia anoitece muito rápido

Na minha solidão!

Miguel Jacó



Nascido no sertão de Pernambuco e radicado em Taubaté SP há 34 anos.

Tenho 64 anos e escrevo poesia desde 2009. Não tenho livros publicados e nem participações em coletâneas poéticas por opção minha.

Mas a este convite da Valéria Barbosa não pude recusar, e lhe agradeço pela honra.

Trago este soneto para participar deste e-book

As glórias são passageiras

Miguel Jacó – Taubaté/São Paulo

Os desalentos perduram, as glórias são passageiras,
Nesta vida inclemente não tem pressa as agonias,
Mas nos restam às alegrias moças bonitas e faceiras,
Em meio a tantas honestas algumas delas são vadias.

Com um berrante certamente a gente chama o gado
As sanfonas animam ao povo no meio de um bailado,
Há mistérios profundos nas contendidas de um soldado,
Precisa ter-se legado para encaminhar ordem aliada.

Se os sonhos também guardam os seus retrocessos,
Fica patente porque eu albergo certas regressões
Em dias difíceis quase sempre me acordo possesso,

Mas não sou eu quem arbitra a este meu carrasco,
Há uma sombra que sistematicamente me persegue,
A esta mandinga, criteriosamente eu não desfaço.

Este soneto foi composto em 23/02/2018

Millena Mantovani Barbosa



Sou Millena Mantovani Barbosa tenho 22 anos e sou moradora do Anil - Jacarepaguá, faço faculdade de design de moda e trabalho desde os meus 16 anos, moro com meus pais em um terreno com toda a minha família e os nossos animais.

Quarentena

Millena Mantovani Barbosa – Rio de Janeiro.

O que fazer com tanto tempo?

Vivemos pedindo um tempo

Um tempo pra pensar

Um tempo pra criar

Um tempo pra estar

Diante dessa quarentena

Vejo o quanto a certeza é pequena

Será até quando esse tempo vai durar?

A vida então nunca foi serena

Mas e depois dessa quarentena?

Será que vai valer a pena?

E eu me chamo Millena

Me questiono até quando nosso cenário será digno de pena?

E não faço cena

E quem quer decretar o fim da quarentena, roubou a cena?

Até quando ele será digno de pena?

Mas que pena, cuidado com quem aliena

Ligue suas antenas

Entenda o motivo da quarentena

Nélio Fernando



Nélio Fernando é um artista múltiplo; poeta, apresentador, coreógrafo, bailarino, artista plástico, ator, professor de teatro, embelezador urbano com o grafite, morador da Cidade de Deus – Rio de Janeiro.

Águas de Jacarepaguá

Nélio Fernando – Cidade de Deus/Rio de Janeiro

Nasce, brota, jorra, no olho d'Água, na Pedra Branca.

Água que enche, esparrama, e desce, e transborda, e umedece, e faz brotar, e faz crescer. Águas de Jacarepaguá, águas do Rio Grande!

Água que carrega, que leva, que transporta.

Águas que entram, que passam, que penetram e invadem a Cidade de Deus.

Águas de Jacarepaguá, água que congela, que conserva, que refresca, que ferve, que evapora, que chuva e serena.

Águas do Rio Grande, do monte, do morro, da montanha, da cachoeira, da fonte.

Água do lago, do rio, do ribeirão.

Água do oceano que mergulho, emerjo e em ondas me arrebento... água de praia.

Pra gato, para sapo e Jacaré.

Pra pássaro, pra capivara e cachorro.

Água para a gente, para a mãe e pro pai. Água pra vovó, pro titio e pra irmã.

Água de beber, água para beber e pro bebê.

Na lata d'água na cabeça de Maria.

No copo, na garrafa, na caixa, no cano que torneira no feijão, água para a família.

Água o que me lava, me benze, me batiza e me purifica.

Águas do Espírito Santo.

Águas do Rio Grande, Águas de Jacarepaguá.

Nilza Costa



Eu me chamo Nilza Costa, sou baiana de Salvador, mas há quatorze anos eu moro na Itália. Sou cantora/autora/compositora e a minha música é de raiz afro-brasileira, misturada. Canto em português e yoruba.

<https://www.facebook.com/NilzaCostaOfficial/>

<https://www.youtube.com/watch?v=fFSDuIPQBbw>

Babilônia

Nilza Costa – Baiana que vive na Itália.

É moda cantar favela quando você nunca viveu nela.

É moda dizer que todo pobre é ladrão quando na sua mesa nunca faltou o pão.

A Babilônia é aqui, a Babilônia está em todo lugar.

É chique tocar o jazz, mas, não gostar do negro.

É moda ir ao gueto e fazer de conta que se agregou.

A Babilônia é aqui, a Babilônia está em todo lugar.

A nova onda é cortar o pescoço quando aquele que cai não é o seu.

Vender seres humanos como no tempo dos navios negreiros,

trabalhar horas a fio e não ser remunerado.

O ser humano apodreceu, o ser humano já morreu.

Os ricos têm medo do emergente

porque sabem que sempre fomos gente.

Só que agora podemos ir em Paris

e tomarmos o mesmo elevador

eles que se fodam, eles que se mordam!

Cultura é a tradição da mistura

racismo é a ignorância de espírito

A política tropeça no escuro

porque estamos em cima do muro

A Babilônia é aqui

A Babilônia também é ali.

Foi bom

Nilza Costa – Baiana que vive na Itália.

Falar de amor nunca foi o meu forte.

Prefiro mostrar as ações.

Prefiro cavar rebeliões.

Prefiro gritar, escancarar a minha dor,

sorrir de alegria.

Combater as frases feitas,

chorar de prazer quando o orgasmo incendeia

Dizer sim quando o não é o melhor.

Beliscar a inocência e dormir na tua essência.

Citar frases, poemas, besteiras,

nadar no teu peito sem fronteiras.

No tum, tum, tum, do teu coração.

No tum, tum, tum, do teu coração.

E depois dizer foi bom até amanhã.

E depois dizer foi bom até amanhã.

E depois dizer foi bom até amanhã.

Raiz

Nilza Costa – Baiana que vive na Itália.

Da terra brota a raiz
que a vida semeou.
Ninguém fala do passado,
dos sonhos roubados,
crianças amassadas,
mulheres estupradas.

Ninguém fala da escravidão
Mas, todos querem perdão.
Todos querem ir para o céu
Mas, esqueceram do fel.
Mas, esqueceram da dor.

A História foi atroz,
construída com sangue e feridas,
no chão batido das senzalas
onde o ritmo era o lamento,
onde o pensar era o tormento!
Laro ye!!

Noélia Ribeiro



A pernambucana Noélia Ribeiro mora em Brasília. Graduada em Letras na UnB, a poeta publicou *Expectativa* (1982); *Atarantada* (Verbis, 2009); *Escalafobética* (Vidrágua, 2015) e *Espevitada* (Penalux, 2017). Tem poemas publicados em antologias, jornais e revistas digitais. Integra a Associação Nacional de Escritores (ANE-DF) e a União Brasileira de Escritores (UBE-RJ).

E-mail: nmariarsilva@hotmail.com;

Instagram: [@noeliaribeiro poeta](https://www.instagram.com/noeliaribeiro poeta).

As mulheres loucas
andarilham roucas
entoando hinos
de prece e paixão

Se a farinha é pouca
as mulheres loucas
reivindicam seu pirão

Ao beijar a boca
de seus paladinos
elas choram à míngua
de outra língua
que umedeça toda parte

Essas doidas varridas
doam seu quinhão
de vida
para sair de Vênus
e voar para Marte

Crime passional

Noélia Ribeiro – Brasília

Antes de apertar o gatilho
e chorar sobre meu corpo ainda quente,
tome um café com leite na padaria ao lado
e leia na plaqueta atrás do servente:
SORRIA. VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO.

Sobre o tempo

Noélia Ribeiro – Brasília

Não quero mais que o tempo corra
nem que o sábado aconteça.
Quero desfiar cada momento,
desafiando a vida de domingo a domingo;
assistir à passagem das horas
sem pressa e alijar-me de todo medo,
para enfim desfrutar o sentimento
de que, com o passar dos dias,
vivi uma eternidade,
envelheci quase nada
e morri apenas por um segundo.

Rita Queiroz



Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz - Natural de Salvador – BA. Pós-doutorado em Estudo de Linguagens (UNEB), doutorado em Filologia e Língua Portuguesa (USP), mestrado e graduação em Letras (UFBA). Professora universitária. Autora de 5 livros de poemas para o público adulto e 5 livros para o público infantojuvenil; organizadora de 8 coletâneas. Integra os seguintes coletivos: “Confraria Poética Feminina”, “Mulherio das Letras” e “Coletivo de autoras de literatura infantojuvenil da Bahia”; além de fazer parte das seguintes academias: AVAL, AILB e ACILBRAS.

Gestação

Rita Queiroz - Salvador - Bahia

Terra fêmea

Fecundada pelo sol

Irradiada pela lua

Terra fêmea

Dor

Partida

Violentada pela ganância

Ultrajada pela ignorância

Terra fêmea

Nutrindo

Gemendo

Clamando

Vertendo lágrimas por toda estação

Terra fêmea

Carrossel de etnias

Cores em profusão

Preconceitos

Escravidão

Terra fêmea

Cais

Solidão

Esperança

Vastidão

Terra fêmea...

Rosalina Brito



Rosalina, não tinha lazer e nem educação. Rosalina queria ser livre das drogas, e da depressão. Mas, não tinha opção, Rosalina, só vivia no sereno... no sereno. Quando livre ficou... começou sua transformação, com grafite, teatro, cinema, palestras, eventos , shows; com muita arte e dedicação. Sua bagagem foi enchendo de cultura e educação.

Exílio

Rosalina Brito – Cidade de Deus – Rio de Janeiro

Minha terra, “ainda” não tem palmeiras

E não canta o sabiá

No meu bosque só tem lobos

E sem primores, que prazer encontro lá?

No meu céu falta estrela

Cismar sozinho, na escuridão da noite,

Nem pensar, para casa posso não voltar.

Minha terra tem tiroteios

e muita gente morre por Ca!

Não permita Deus que eu morra

sem antes me realizar

crescendo, já estou

em algum lugar irei chegar.

O outro lado da pedra

Rosalina Brito – Cidade de Deus – Rio de Janeiro

No meu caminho tinha uma pedra.

Tinha uma pedra no meu destino.

Pedra de cigarro.

Pedra de cocaína.

Pedra de gelo na minha bebida.

Que minha vida revirava

e cada vez mais eu juntava pedras.

Pedras chamadas, drogas,

Pedra da ignorância

que escondia minha arte.

Arte de desenhar a vida,

Arte de colorir a alma,

de criar esperanças e sonhos.

Arte pra viver a vida

A vida não me deu tempo para ensaios.

Com uma marreta chamada fé, esmiucei a pedra,

Então a quebrei do meu passado.

Havia uma pedra no meu caminho.

No meu destino tinha uma pedra, refiz o meu destino

Havia uma pedra de Crack

O brilho da minha arte a queimou.

O tempo

Rosalina Brito – Cidade de Deus – Rio de Janeiro

Eu sou uma mulher
A quem o tempo, apressadamente
e com muita paciência ensinou.
Me ensinou a amar a vida
mesmo quando amarga.
Me ensinou não desistir da luta
mesmo quando sou derrotada, vencida mas, não morta.
Aprendi a cuidar das feridas.
Recomeço na derrota, para no amanhã ser vencedora.
Renuncio às palavras e pensamentos negativos.
Por acreditar na esperança, e no valor do ser humano
Para um mundo melhor
Pois é! Tudo eu aprendo com o tempo.
Que é sábio em me ensinar...
E tudo tem o tempo certo.

Rozzi Brasil



Rozzi Brasil – Vive no Largo do Tanque em Jacarepaguá-RJ. Atua como co-gestora na ONG Casa da Vida – Associação de Portadores de Doenças Graves e Crianças em Vulnerabilidade Social. É solucionadora de problemas o que a transforma numa criadora de caso". Muito carioca, cria da Zona Oeste, devota de Nossa Senhora do Samba de Raiz. Anticapitalista, pretíngena, sapatão, mestra quebradeira, professora, fotógrafa, produtora artística e cultural, cineasta premiada no CinePE (PE) e SMVC (RS), escritora digital, design eventual. Co-criadora da primeira parceria só de mulheres em escola de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro. Compositora da Portela. Co-fundadora do bloco Samba das Guerreiras #Presente – ainda que não goste de carnaval. Fundadora da Casa da Vida. Executa ações anti-demonização da cultura de matrizes africanas e de educação contra-colonial. Host do podcast Canal Fórum M e Integrante do Coletivo Mulheres Nas Quebradas.

A terra

Rozzi Brasil – Tanque, Jacarepaguá – Rio de Janeiro

Acordei com o sol amanhecido, explodido, desvirginado,
Macho no auge do seu vigor, macho no auge do seu rigor
Absolutamente indiferente às horas ainda virgens, delicadas
Necessitadas do respeito de quem nasce mais uma vez
Há algum tempo tem sido assim
Invasões de mundos centrais
Manutenção de um núcleo sólido
Por pressões líquidas de mantos externos

A pressão prevalece sobre a temperatura
Impedindo a agitação da criatura
A natureza simplesmente se mantém
Justamente não se defende
Enquanto o dia se protege nos braços passados da noite
Decidida. Nalgum lugar, um bem-te-vi, um sabiá
Dão de cantar

A noite anda louca, segura seu véu denso
na sua cor preferida;
O dia ainda tonto, indefinido denunciado
Por aves deladoras que cantam sem luz
Perdemos frescor nas manhãs, pois que o dia
acorda pesado, forte, quente a se debruçar
Por sobre nós sem piedade alguma

São tempos violentos de auto delações não premiadas
De noites desrespeitadas e dias que nascem adiantados
De seres que abrem os olhos cansados.

Língua solta

Rozzi Brasil – Tanque, Jacarepaguá – Rio de Janeiro

A língua é solta
A literatura salta,
Rima porque combina,
Dança, trafega,
Entre quem aceita
E no meio de quem nega.

A língua é chama que arde
Em forma de arte.
A literatura é a língua solta
Tranquila ou revolta
Ao sabor das marés,
É por ela que tu sabes quem tu és.

A língua avoluma
Tem o ritmo dos fatos, acontecimentos
Olhares, sonhos, descobrimentos.

Língua solta pelas culturas e rotinas
Língua que responde e sabatina.
Fluída, migratória
Transformadora
Perene, transitória
Criadora!

Língua que resiste
Porque o diálogo existe
Porque a comunicação insiste

Porque é no traço
No abraço
No lápis no papel
Na madeira, no cinzel
Na tela, nos dedos,
No pincel.
No cálculo, no coração,
Na medida, sem medida,
Na intuição
No spray, na pena, na lei
Na declaração, no direito
Literatura, ninguém prende,
Não tem jeito.
Põem na tranca aqui,
Ela vira arte ali,
Junta culturas já
Ela junta o povo lá

No dia a dia resiliente
Porque a vida é insistente
Prendem a literatura nos livros
E ela vive a sair de lá

Com letra ou só com som,
Dentro ou fora do tom
Na estima, na conversa, na rima

Literatura,
Tudo registra
Tudo cura

A única arte que que não depende
De instrumento,
Se tem, uma boca em movimento
E um ouvido atento
Se tá no mudo,
Tem uma ideia, um já é plateia
E vamos na linguagem de sinais
E quando tudo faltar, ainda haverá
Literatura no olhar

Literatura é palavra
A palavra que se dá,
A palavra que se diz
A palavra que se pensa
Que se pinta e desenha
A palavra que se empenha
Que não se empenha
Até aquela que não se aprendeu
Mas sabemos dizer de algum jeito
Porque ela brota do peito,
Por isso é um direito
Literatura é os corpos da gente soltos sem assunto
Transitando pelo direito de existir nesse mundo

Para lembrar de esquecer

Rozzi Brasil – Tanque, Jacarepaguá – Rio de Janeiro

Te vejo de cara com o sonho
Com cara de sono
Imersa na preguiça de viver
Uma prece pra um santo
Um sorriso com ares de pranto
E o jeito de saber o que fazer
Éramos dias repletos de madrugada
Tínhamos a pele dourada
Pelo sol daquele mar
Tínhamos inocência
Alguma coerência
Mas deixamos estar

Não fui eu, o amor que pretendia
Mas guardei o que sobrou
daquela chama que ardia

Não sei o que foi feito da gente
Só sei que depois de um tempo
Tudo o que resta
É andar pra frente

Sandra Lima



Sandra Lima é uma produtora cultural independente, nascida em 10 de junho de 1970. Carioca, filha de nordestina e português. Moradora de um bairro pobre da Baixada Fluminense, Bom Pastor, não pôde desenvolver seus múltiplos dons artísticos na infância. Em 2021, com a quarentena, decidiu escrever com mais afinco, participando de algumas coletâneas e botando pra fora sua veia poética.

Morte da ilusão

Sandra Lima – Rio de Janeiro

É chegada a hora do enterro da ilusão,
quero um velório com muitas flores,
e muita canção.

Moça maldita, traiçoeira,

fascinante e zombeteira,

eis-me aqui

diante de teu pálido semblante,

e não me comovo como antes,

cansei das tuas enganações.

Oh, Ilusão que tão cedo morres,

deixe-me ir agora forte,

sem tuas garras

celebrarei minha vida,

cantarei a tua morte.

A vida é um abismo

Sandra Lima – Rio de Janeiro

Pra ser feliz de verdade

é preciso voar alto,

sonhar acordado,

dançar na chuva,

celebrar a alegria e a dor.

Viver de verdade requer coragem.

A vida é um abismo

que caí num mar

de possibilidades

e só mergulhando

profundamente

podemos contemplar

a beleza de viver!

O último poema

Sandra Lima – Rio de Janeiro

Quimera!

Sonhar-te anjo, criatura vil.

Te vestes de sol pra esconder

as trevas do teu coração.

Tens a missão de causar dor e aversão,

anjo das trevas!

Tenebrosa figura.

Deixa chagas em almas puras,

devoras a fé, destrói as esperanças,

sujas o sagrado, e profanas o divino.

Tua teia entenece e fascina,

presa cativa, fome saciada,

morte é tua empreitada.

Pensei morrer em tuas teias,

pelo veneno que corre de tuas veias,

mas te afastastes a tempo de me desvencilhar,

bendito tempo que impuseste entre nós,

libertou minha vida, calou minha voz.

Severino Honorato



Severino Honorato – paraibano de Mulungu, nascido a 26 de fevereiro de 1963, radicado no Rio de Janeiro desde 1984. É autor de 04 títulos em poesias, editados entre 2013 e 2016. Dois títulos infanto, editado entre 1997 e 2008. Oficiniere de Literatura de Cordel brasileiro, com 50 títulos editados entre 2008 e 2021. Editor e colunista do Jornal Abaixo-Assinado.

Pensando agora.

Severino Honorato – Mulungu – Paraíba – Rio de Janeiro.

Eu estou pensando agora
Que vale a pena viver
Ter família, ter amigos
Junto com estes crescer
Ver em Deus a Divindade
Proclamar a liberdade
Do que seja renascer!

Eu preciso a toda hora
Respirar com gratidão
Parabenizando a quem
Controla a sua emoção
Fazendo o veio da vida
Uma estrada em seguida
Nas veias do coração.

O pudim de aniversário

Severino Honorato – Mulungu – Paraíba – Rio de Janeiro.

Aos 57 anos

Fiz o primeiro pudim

Vou provar da sua massa

Comprovar ser bom ou ruim

Se tiver delícia eu falo

Venha em companhia a mim.

A calda quase queimada

Isso aí eu não discuto

Massa com leve sabor

No doce ficou enxuto

Veja na foto e comprove

Este é o fim, o produto.

Cozinhar não facilita

Quando se faz sem receita

Porém nos bastam cuidados

Com o olhar que se aceita

Sugestões bem-sucedidas

Para a conclusão perfeita.

Veja a foto e dê a nota

Se a imagem não contraria

Sem confete, serpentina

Sem toque de bateria

Para quem fez o primeiro

Tô na vantagem, eu diria.

Sendo meu aniversário
Desejei comemorar
Como manda o calendário
Nesse verão de queimar
Foi por isso que a calda
Tratou de me assustar.

Lila Sinclair me deu dicas
Também meu irmão João
Planejei sem perguntar
A empreitada de então
Pois ofereço com graça
Esta tão doce opção.

Sendo luz pra multidão!

Severino Honorato – Mulungu – Paraíba – Rio de Janeiro.

Preciso reconhecer

O poder da Natureza

Donde brota sentimento

Num graveto de grandeza

Em vida, fruto, semente

Em paixão ou riso ardente

Numa gota de beleza!

Sirlene Rosa



Meu nome é Sirlene Rosa, tenho 54 anos e comecei a escrever em 2008, quando ajudava um amigo poeta a corrigir os seus textos. Foi uma inspiração que nasceu do amor, que na verdade nutria por tudo aquilo que ele escrevia e pelo carinho que regava a nossa relação de amizade muito próxima que mantínhamos. A maioria dos meus textos estão publicados no site Recanto das Letras. Se quiser conhecer um pouco mais do meu trabalho, acesse: https://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?pag=26&id=40109

Vida

Sirlene Rosa – São Paulo

Na fábula da vida, não há ferida
Que nossa lida não consiga curar,
Essa lida desvalida que nos remete a navegar!
Navegar em pensamento,
Navegar conforme o vento,
Navegar por navegar!
E ao final de cada dia, ao ver o sol se pôr
Descobrir que a vida é movida a amor!

O amor

Sirlene Rosa – São Paulo

Ah, o amor...

Tem algo de divino!

Tira-nos os pés do chão

E nos faz perder o tino!

Tem um q de fantasia

E a magia dos sonhos...

É o que traz alegria,

Há corações antes tristonhos!

Ah, o amor...

O mais doce dos sentimentos...

Mesmo sendo irmão da paixão,

Não é feito só de momentos!

É a mais linda das flores!

Mas tem lá seus espinhos...

Recebem o nome de saudade

E seu lema é nos ferir pelo caminho!

Não volto!

Sirlene Rosa – São Paulo

Um vento forte tocou a minha face,
Tempestade de areia vinda do deserto...
Com os olhos ainda fechados,
Pensei comigo mesma:
- É o fim que está por perto...
Fui me recompondo devagar e,
Mesmo a passos curtos,
Logo avistei o mar...
Tinha águas claras, cristalinas,
Assemelhavam-se à beleza do teu olhar...
Senti que era o meu momento,
A minha grande chance de voltar a navegar!
Temi pelo tempo...
Mas me dei conta...
Eu faço o meu tempo,
Eu escrevo a minha história!
Não vou deixar mais nada por um triz...
Com licença, vou ali ser feliz!
Não volto!

Tetsuo Takita



(Tedipassaro/#SamanthaCats). Poeta de Blumenau/SC, editor de vídeo em TV. Produtor cultural. Ator (Martins Penna). Performer, roteirista e desenhista. “Queer”. Livros: Personagem de Mim Mesmo I, II, III e 4.4(Editora Clube de Autores) 2019-21 Coletâneas: -Fio Arte Erótica. Ed. Fio Cultural 2021-Bezerra da Silva 90 anos... FLUP 2019-Poesias FLUPP 2016-Cidade de Deus 50 anos (HQ) 2016-Seis Temas à Procura... FLUP – 2017-Revista Apalpe (Petrobrás) 2010-De Conchas e de Clarice SESC SC 2007.

Pós-pandemia

Tetsuo Takita – Rio de Janeiro

Bem vinde future
presente presente
pós mundo
eu tu
semente que aprendeu
no luto luta
cresceu união e
menos disputa
Mais valor sorrisos
pretos índios coloridos
riqueza é
preservar a verdinha
Amazônia
multiplicar sem mascarar
mágoa ou fake/ make
up só se for
tatuado o peito de amor
#tamo junto uniclasses
one live game
próxima fase
merma nave

Pau mandado

Tetsuo Takita – Rio de Janeiro

Fadado o touro ataca
e tu sabes que cor q ele mata?
meu sangue é vermelho, então visto a camisa,
fechando com eles, graças a Deusa, a Isa!

graças a Ira!

cas brabas e os mano da fala,

Impomos defesa, fechamo num ciclo
toureiros ou toulas não somos
mar muleke é cada barra, batalha dá sobrevivência,
É sobre viver no Hell, de

Janeiro

a janeiro

na rima ele taca,
chama-da revolta
eu chamo levante
a paz inexistente onde existe mordação
e nada acontece

largando a canetá
ou baixando a cabeça

calado num canto se
conformando
em silêncio. Não! A paz tem pressa
tesão e fome, Sim! E não é de bola
hambúrgueres, peru,
nem bacalhau, não!
É só um nome: dignidade,
bacana

A Paz é preta e barulhenta, faz dança da chuva
Rapaz! Não espera a nave da Xuxa
nem a arca da salvação
-Corre atrás... Melhor: -não corre, não! ki aki a
polícia que maix mata
inda ganha prêmio do patrão

Crônica concretista: documentário pandemia

Tetsuo Takita – Rio de Janeiro

Estou farto de todo mundo.

Estou farto de tanta gente me mandando o que fazer. O que fazer?

Não é que eu não quisesse.

Oi gente, tô eu aqui descabelada

oca, ocada, sabe corroída por dentro?

Feito macaco enjaulado.

mais caco que macaco.

menos teco e mais, como eu diria

maco, máculo, imaculado ...

não sei bem ao certo, não sei! E F***-se!

Desculpe por tanta mágoa, às vezes oca.

Olha essa palavra aí de novo, é assim

que me sinto às vezes, oca por fora

por dentro lúcida. saiu de novo ...

Volta ei ! Voltaa !

Pelo menos bate a porta, bixa maluca...

Apaga o incenso, camelo!

ah isso é piada interna nossa ...

Ondé que eu tava?

Congela, melhor continuar sem imagem ...

...

Antes fosse um " mocu" essa qua qua

Mestre Tinga das Gerais



Antônio de Fátima Silva, conhecido como Mestre Tinga das Gerais, natural de Corinto-MG, poeta, ator e cantor, na estrada há 35 anos. Já participou de vários festivais, sendo premiado com o conto "O Caboclo e o Barraqueiro", também atuou no curta metragem "Um Outro Tiradentes", escrito pelo saudoso Antônio Ângelo de Brito, sob a direção do jornalista Paulo Emílio Bellardini e atuou no longa metragem "A história das Três Marias", da cineasta e artista Zackia Daura. Participou do projeto "Terças Poéticas", no Palácio das Artes com o grupo "Nós da poesia + 20 nosotros", além de apresentação em programas de TV e rádios. Possui mais de 40 contos e causos sobre as raízes do sertão mineiro, cultura afro e com intervenções culturais em diversos municípios. composições musicais sobre ambos os temas. É membro do Recanto das Letras, faz parte do "SARAU NA FAVELA".

Filho de *Odoyá*

Mestre Tinga das Gerais – Corinto - Minas Gerais e Yta Moreno - Áustria

Beira de rio

Velho Chico rio

Rio de Janeiro eu sou

Menino do rio

Destino praieiro

Sangue brasileiro Iô Iô

Quintais desbandeirados

Universo em pura flor

Um jardim que exala o amor

Sou rio encantado

Negro na beira do cais

Sou a vela dos castiçais

Sou a curva

Desses sertões

Rio-mar

Eu sou

Filho de *Odoyá*

Pro mar eu vou.

Lindo Sonho Com o Ayó

Mestre Tinga das Gerais – Corinto - Minas Gerais

Adormeci

Nos braços da felicidade

Embrenhei-me em densas matas

E com *Oxóssi* eu brinquei

O vento veio

Beijando o meu destino

Eu alma de menino

Então disse Eh Parrei!

Travessuras

Nas terras de *Olorum*

Meu cavalo, meu galope

Salve Jorge! Salve *Ogum*

Eu acordei

Mergulhado na magia

Eu vi muita alegria

Vi que não estava só

Viajei

Naquela cantoria

E pra celebrar meu dia

Caí nos braços de *Ayó*.

Pedaco de pão

Mestre Tinga das Gerais – Corinto - Minas Gerais

Estou querendo um pedaço de pão
Já cansei dessa vida de cão
É tristeza por onde eu passo
Quero repartir com aquela procissão
Meus lábios em prece e de pés no chão.

É a Bandeira na mão do João
É o Congado ou Folia de Reis?
Pretaria na cantoria
Fé na caminhada
Dos meus irmãos.

Vou levar
O meu candeeiro
Pra alumiar
O meu lindo sertão
Seja lá
Qual for a Bandeira
Eu vou beijá-la com meu coração
Lutei, mas eu cheguei
Zambi vai dizer

Salve o meu viver
Mas do cativo não dá pra esquecer
Mas do cativo não dá pra esquecer
Mas do cativo não dá pra esquecer.

Valéria Barbosa



Valéria Barbosa é mãe de três filhos, avó do coração da Luara Abilio, poeta, compositora, cantora, produtora cultural, ilustradora, idealizadora e gestora do Sarau na Favela. Prêmio do Ministério da Cultura no Edital 200 anos da Independência do Brasil com o livro 200 Gritos por Liberdade.

Prontidão

Valéria Barbosa - Rio de Janeiro

Nasci poeta por descuido da guarda,
às 18:00 horas em ponto coroei pra Ogum.
O ferro abriu a porta da vida e nesta hora fui parida.
Retirou o selo do nada e em plena troca da guarda
sangrei em axé.
Nasci poeta e mulher!
Numa terra de inconstância onde o pouco multiplica,
os pés tocaram a lama, os fetos naufragaram no esgoto,
eu vi os seus rostos.
Jurei pra minha retina que veria a alegria do moleque
e da menina e jamais baixar a guarda.
A defesa é minha lida!
A vida, já foi para os meus dias, a casca da ferida.
Hoje é o ápice da conquista
Fiz guerra de espada em punho, por acreditar.
Preservar o pavilhão Vida com amor e devoção é legado ancestral.
Aprendi a me livrar do mal!
Nasci poeta pra arrepiar!
Quando calo a voz da dor deixo o meu verso gritar!
Às 6:00 horas me benzo com poesia,
às 12:00 horas agradeço do Orixá à Virgem Maria,
na ordem natural da minha fé,
mas quando chega a hora do tranco,
quando Ogum lança o axé, às 18:00 horas da vida,
aí então eu ajoelho e agradeço feliz da vida por nascer poeta e mulher!

Breu das políticas públicas

Valéria Barbosa - Rio de Janeiro

Tremulavam sob sol de 40° graus,
veio a chuva fininha e ela resistiu,
quando descansou de chorar
e deixou o breu da noite chegar,
emprestou para o céu umas estrelas de brilhos foscos
e ali no meio do cruzamento,
outros tantos lumes em alerta
despertavam sentimentos óbvios,
a dor latente do filho ausente,
da mãe alvejada,
da mão que firmou moeda e teve a infância extraída,
e outras tantas dores deixadas pelas vielas, esquinas e becos da vida.
As luzes focavam as balas encontradas
que disseram perdidas, no corpo encravada e pelo povo suas cápsulas achadas...
Lanternas, holofotes, estrelas, sol, lua, e velas, velas que iluminam pós mortes, a dar luz às ruas para
denunciar a cara daqueles que desligam o botão vital
da terra em questão de segundos, apenas com um dedo no gatilho...
Há velas acesas nos olhos, há velas por todos os lugares.
Há breu no descompromisso com as políticas públicas e dedos pronto para a execução.

Escrita

Valéria Barbosa - Rio de Janeiro

Pena na mão de uma mulher que a faz cantar.
Pena que futura a ação
transforma o conjunto de letras em som.
Pena que de dó é alegria
sinfonia de luz no juntar das palavras
Pena que segue sua estrada
na veia projeta eterno sentido.
Namora as tristezas
transforma em risos,
ama o invisível.
Crédula na inspiração.
Depeno as mágoas do meu coração.
Despacho em fibras de coco
nas águas salinas
onde uma linda menina
brinca na areia
de segurar as penas
que voam para o mar.
Penas que seguem o vento
marola os sentimentos
para Iemanjá libertar.
Pena que voa solitária é segura na mãozinha da brincalhona Mariazinha.
A criança segura a palavra!!!
E nossa Senhora da Penna mesmo quebrada depois da ventania
Segura sua pena de ouro, assinando um futuro de mais empatia.

Victor Meirelles



Victor Meirelles é carioca, criado na favela da Coréia do RJ. É artista, ativista cultural, arte educador e fundador do Arte Faz Parte Negócios de Impacto. Estudou direito na Universidade do RJ, Licenciado em letras na Unesa e aluno da UQ - UFRJ. Apaixonado por literatura, participou da FLUP, levou sua arte a mais 35 Estados e 7 Países. Menino da periferia que com teatro, palestras, papos de leitura, literatura, bullying e motivação, foi além das barreiras invisíveis do seu bairro, chegando a outras comunidades e lugares no mundo. <http://www.anf.org.br/uma-defesa-da-arte-educacao-a-historia-de-victor-meirelles/>; <https://youtu.be/0hrIainUjkk> Atualmente está apresentando o programa de lives: Ler em Voz Alta diariamente e Só Coisas Boas às quartas feiras 16h, produzidas e realizadas pelo Arte Faz Parte Arte Educação, também é apresentador e mediador do projeto de lives Papo Solidário da Instituição Associação Prover com foco em inspiração, empregabilidade, formação e solidariedade; está participando como convidado da Websérie Encontrar o Tom do projeto Injeção de Auto Estima. No Instituto Corpo Tátil e IBC, ministra aulas de interpretação para deficientes visuais, pessoas em vulnerabilidade social e situação de rua. Está na produção literária de 3 obras. Algumas obras literárias que teve sua participação: Chica Xavier a Mãe do Brasil, Seis Temas a Procura de um Poema, 90 Anos de Malandragem - Homenagem a Bezerra da Silva, Parceiros Reais, FioArteErótica, Poezine e ZineFio.

Phavelado poeta

Victor Meirelles - Rio de Janeiro/RJ

"Preto Pobre Phavelado Poeta

Preta Poesia, Poética Periferia

Presente na história; glória

melodia que se faz moradia

negro que na palavra veracidade a beleza irradia

por mais que o ataquem com violenta ironia

presente no dia a dia, quebra essa covardia,

com a fala poema que contraria, aquele que age como se o conhecia

Poética periferia, lugar de conhecimento de valia que alivia

Pura poesia que se faz alforria, Phavela que é só alegria

Povo que vive em harmonia

Potência, que no morro e no asfalto, é frente e tem autoria

Numa verdade que não existia, presa pela burguesia

E agora se torna saber preso a memória, quem diria

Cultura que cresce na periferia

e se faz viva por preta poesia"

Valor gramatical

Victor Meirelles - Rio de Janeiro/RJ

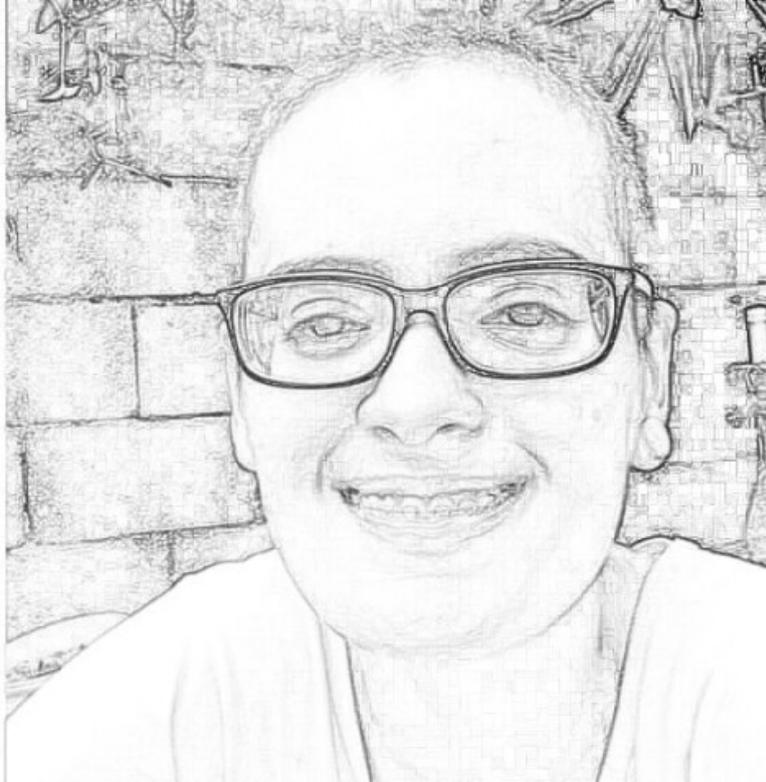
“Sou o fato concreto
visto como um sujeito composto no dialeto
dentro de uma linguagem figurada
amarrado a falta de adjetivo
inteirado por poucos predicados
sou palavra; daquelas de menos importância
mas de grande valor gramatical.
Sou eu, sou tu, sou nós e sou ele
o presente, dentro de um passado que já se foi
que está vivo e vive pelas nossas mãos
em um futuro de um tempo verbal.
Sou negro, sou artista, humano, sou cidadão realista,
sou o que o meu sonho quer ser, sou o acreditar
a oportunidade/possibilidade que existe, persiste e resiste
no meu olhar...”

Empréstimo

Victor Meirelles - Rio de Janeiro/RJ

Empresto meu Bom Dia
com muita alegria,
na expectativa de receber com euforia,
o juro e correção
que todo empréstimo tem na sua devolução,
pode ser com o dobro de afeto
e somado a parcelas de emoção.
Pode ser acrescido de um abraço
de bom coração,
que seja virtual,
mas com uma felicidade sem igual.
Pode parecer que um abraço e
um sorriso, custe pouco
mas a realidade, é que vale muito
para quem o recebe. Bom dia!

Viviane Potiguara



Viviane Salles é poeta, produtora cultural, antropóloga (PUC-Rio), editora independente e co-fundadora do movimento literário da Poesia de Esquina em 2011 na favela Cidade de Deus (Rio de Janeiro, RJ), que tem como marca a realização de saraus em bares e a promoção de atividades literárias em escolas públicas. Em 2014, recebeu o Prêmio Carolina de Jesus (FLUP).

Sem título

Viviane Salles – Cidade de Deus – Rio de Janeiro

Ainda tento me convencer

Palavra é secreção

inútil

e a vida é mais poema que dor.

Tambor

Viviane Salles – Cidade de Deus – Rio de Janeiro

Tanto se diz sobre o amor

Mas a ansiedade à véspera do tombo

não me para

Sinto que alguma coisa

que ia em direção ao coração saiu do lugar

Tão rápido perceber o toque na borda

e o céu inteiro de nuvens

O vento que vem da traseira da montanha,

me dizendo:

-Amar é quase o mesmo que ter coragem!

Poema do amor pequeno

Viviane Salles – Cidade de Deus – Rio de Janeiro

Ando mais bonita.

Não sei se é por causa de Maceió,
ou desta mulher.

Vim passar uns dias a passeio.

Por causa do mar,
Eu decidi ficar pra sempre.

É que eu pertencço às praias do Nordeste.

As ondas verdes e suaves são o meu melhor retrato:
Em paz.

Agora já não sei o que será.

Estou infectada pelo vírus de cantar músicas românticas,
numa insônia dançante.

Pode ser que eu visite qualquer cidade
e me encontre.

Na sua cama.

Os nossos corpos às ordens uma da outra:
do desejo mais íntimo que se pode ter.
Sua boca é um lago encantado onde eu posso beber água.

Seus poemas são seios que eu falo na ponta da língua.

A sua pele é uma terra estranha
por onde eu ando
de olhos abertos e ainda me perco.

É muito quente...

Talvez seja melhor que eu me vá pra bem longe

Que eu vá para o meio do Oceano Atlântico

na próxima jangada

Antes que você me crave as unhas de novo e eu nunca mais te esqueça.

Ou então vê se me deixa cuidar das flores.

Até eu ganhar o direito de acordar com o seu canto.

E de você conquistar o direito de eu te fazer outro poema.

Viver é uma coisa de sorte.

Wellington Silva



Wellington Silva: Ator e Diretor da CIA. WSA do Teatro da cidade de Icó no Estado do Ceará. Com DRT 1455. Graduado em Letras e Especialista em Língua Portuguesa e Acessibilidade Cultural. Poeta, Roteirista e Cineasta. Premiada no Teatro e no Cinema.

Palavras

Wellington Silva – É de Icó, no Ceará.

Palavras fazem parte da vida.

Palavras sentidas,

Palavras vividas,

Palavras sem vida.

Uma palavra dói,

Uma palavra anima.

Uma palavra corrói,

Porém outra termina.

Há tantas palavras sem sina!

Porém existem outras que determinam.

Eu gosto da palavra que me assina,

São letras que formam e combinam.

As palavras não terminam,

Nascem, renascem...

As palavras trazem dor,

Mas também trazem amor.

Olhar

Wellington Silva – É de Icó, no Ceará.

Eu vejo teus olhos e sinto tua alma,
Sei o que tu pensas e sei o que tu queres.
É no olhar e pelo olhar que te conheço,
Que te descubro.
Quando meu olho penetra o teu,
Tudo se revela,
Os mistérios vão embora e os sonhos de outrora,
Não me escapam do agora.
No olhar, com o olhar e pelo olhar,
Te desmonto, te balanço, te remonto e te encanto.

Tempo

Wellington Silva – É de Icó, no Ceará.

Tempo de nascer, tempo de crescer, tempo de viver.

Tudo tem tempo.

Tempo de aprender, tempo de sofrer, tempo de sorrir.

Se não fosse o tempo, não teríamos tempo de dizer coisas bonitas para quem amamos.

Com o tempo eu choro,

Com o tempo eu calo,

Com o tempo eu oro.

O tempo me dá tempo de ter tempo para sonhar, buscar e realizar.

O tempo às vezes é cruel, mas só o tempo sara feridas profundas e doloridas.

Tempo, tempo, tempo.

Sem o tempo, não há tempo.

POSFÁCIO

Com respeito e apreço:

Modinha

Cecília Meireles

Tuas palavras antigas
Deixei-as todas, deixei-as,
Junto com as minhas cantigas,
Desenhadas nas areias.

Tantos sóis e tantas luas
Brilharam sobre essas linhas,
Das cantigas - que eram tuas -
Das palavras - que eram minhas!

O mar, de língua sonora,
Sabe o presente e o passado.
Canta o que é meu, vai-se embora:
Que o resto é pouco e apagado.

O livro *Sarau na favela (1 ano)*, organizado por Valéria Barbosa é uma lufada de vento fresco nestes tempos de sufocamento: a respiração ofegante titubeia frente aos infortúnios mundiais do Coronavírus que no Brasil se expande numa pandemia dupla (viral e política).

A que(m) des(a)tina trazer poesia nestes tempos de dor (ontem, 16 de março de 2021, foram 2.798 pessoas mortas)? Porque fazer da palavra canto, alegria e reflexão quando é tempo de angústia? A palavra poética encharcada do sensível, por certo, contribui para fomentar a esperança – não como ato de espera, mas de movimento – e nos coloca em vigilância.

Do Sarau da Favela para o livro, 119 poemas, de 52 escritores e escritoras, um a um, saltam da folha do papel para a tela do computador (no formato e-book). Homens e mulheres de diferentes lugares,

artistas de diferentes áreas (música, letras, artes plásticas, artes cênicas, entre outras) se reúnem em torno da palavra literária e alçam voo, saem do seu confinamento e nos falam que é preciso sobreviver e resistir.

Que a poesia nos inunde de força para os tempos que virão!

Boa e intensa leitura!

Eliane Debus

Realização:



Apoio:

